

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**GUILHERME ORESTES CANARIM**

**CONSTELAÇÕES EDUCATIVAS DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA  
NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA BRASILEIRA**

**CRICIÚMA  
2024**

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**GUILHERME ORESTES CANARIM**

**CONSTELAÇÕES EDUCATIVAS DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA  
NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA BRASILEIRA**

**CRICIÚMA  
2024**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C213c Canarim, Guilherme Orestes.

Constelações educativas das concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira / Guilherme Orestes Canarim. - 2024.

93 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2024.

Orientação: Alex Sander da Silva.

1. Redação acadêmica. 2. Comunicação escrita - Estudo e ensino (Superior). 3. Estudantes universitários - Escrita. I. Título.

CDD 23. ed. 808.066378

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

## Epígrafes

“É isso a que se chama uma teoria do conhecimento,  
acostumar-se a pensar como serpente,  
que começa devorando sua cauda  
e termina com a cabeça na própria goela  
(Paul Valéry, A arte de pensar)

“A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva,  
pois o momento da sua realização ainda não foi alcançado”  
(Adorno, tradução minha, 2009, p.7)

“[...] a realidade é para aqueles que não conseguem suportar o sonho”  
(Zizek, 2017, p.73)

## Agradecimentos

Esse trabalho, como tudo o mais que tive a oportunidade de fazer, é corolário do esforço de muita gente.

Muito obrigado ao professor Doutor Alex Sander da Silva, (e a Zete, ao Vini e a Amabile, de quem eu o “roubei” muitas vezes). Sem o senhor eu teria provavelmente aceitado o diagnóstico de “aluno arrogante, indisciplinado e insubordinado” que vários outros professores me deram. O senhor tem sido mais que um professor. Um amigo querido, um mestre nos melhores sentidos do termo. Orientador, colega de pesquisa e modelo de professor, cujo apoio --intelectual, logístico, psicológico e sobretudo material e mesmo financeiro-- me permitiu dedicar-me quase integralmente à pesquisa, como tenho tentado fazer nos últimos 12 anos de trabalho e luta.

Agradeço ao meu marido, Diego Quadras de Bem. Sem o seu cuidado, apoio, suporte e consolo, eu teria me acovardado e me resignado. Dedicar a vida ao estudo e a pesquisa seria impossível sem você. Todos os dias o seu entusiasmo, energia e, porque não, seu tesão, me comprazem de muitas maneiras, sinalizando que talvez estejamos no caminho certo. Muito obrigado.

Muito obrigado à professora Doutora Luzia Batista de Oliveira, que, assim como o professor Alex, mais de uma vez foi um lumiar sinalizando os melhores horizontes teóricos e práticos. Gratidão pelo seu carinho e apoio, afetivo, intelectual e material. Também agradeço ao professor Doutor Ademir Damásio, pelas ótimas aulas grátis nos corredores do ppge/unesc, e pelo seu apoio. Muito obrigado por tudo.

Agradeço ao Edivan, que trabalhava na biblioteca da unesc em 2012 e me convidou para “um grupo de estudos que a gente lê umas coisas de filosofia”. Talvez sem esse convite eu nunca teria encontrado o GEFOCS, nem o prof. Alex ou Adorno, nem tantxs pessoas maravilhosas. Seguindo nessa linha, muito obrigado aos colegas do GEFOCS, em especial a Gi, Karol, a Sil e a Lari, e tantos outros (é muita gente nesses mais de dez anos, me perdoem as omissões).

Também agradeço muito a disponibilidade, rigorosidade crítica e cuidado dos membros externos da qualificação e da banca de defesa, às professoras doutoras Zuleika Piassa (UEL) e Roselaine Ripa (UDESC), e o professor doutor Eduardo Campechano-escalona (UCV). Procurei ouvir atentamente os seus conselhos nesta pesquisa, muito obrigado.

Existem ainda muitas pessoas a quem agradecer (famílias, amigos, colegas, professores, etc.). Gente que direta ou indiretamente participou da minha caminhada. Cada um à sua maneira teve um papel importante. Espero sempre poder retribuir tudo que vocês têm feito por mim.

## Resumo

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa de Educação e Produção do Conhecimento nos Processos Pedagógicos do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Analisamos as concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira visando suas constelações educativas. Nossa questão central é: Quais as constelações educativas nas concepções de escrita acadêmica da literatura acadêmico-científica brasileira? Dela desdobramos algumas questões de fundo ou norteadoras: como essas concepções de escrita acadêmica permitem entrever seus fundamentos ou denotam aspectos educativos que as perpassam? Quais os elementos ou dimensões educativas subjazem nessas concepções de escrita acadêmica? O que significa, do ponto de vista educativo, entender a escrita acadêmica do modo como essas concepções delineiam? Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e cunho descritivo-exploratório, e crítico-interpretativo. Em específico, utilizamos a constelação adorniana como orientação analítica e metodológica. Visando analisar as concepções de escrita acadêmica, partindo da literatura acadêmico-científica nacional, compusemos um corpus documental com pesquisa sobre escrita acadêmica, levantadas no Scielo, na BDTD e no Google Acadêmico. Posteriormente mapeamos nesse corpus as concepções que essas pesquisas traziam e por fim as analisamos com a constelação adorniana. Dessa maneira pudemos entrever várias dimensões ou aspectos educativos subjacentes a essas concepções de escrita acadêmica presentes na literatura acadêmico-científica nacional. Entre nossas principais descobertas observamos que existe uma exiguidade de material sobre a escrita acadêmica, apesar da sua reiterada importância na educação superior. Além disso, percebemos que, diferente do que supusemos inicialmente, não há um consenso ou uma homogeneidade conceitual sobre o que é a escrita acadêmica. Na realidade, as 486 citações-concepção que mapeamos são, em certa medida, cada uma concepção. Elas têm suas idiosincrasias e não se deixam reduzir nem subsumir pelas suas filiações teórico-conceituais, campo de pesquisa ou outras categorias. Também divisamos várias constelações educativas das concepções de escrita acadêmica, aspectos da sua natureza complexa, discursiva, enunciativa, ético-política e formativa. As concepções, postas em constelação deixaram entrever entre outras coisas como o campo de forças em que a educação superior e conseqüentemente a escrita acadêmica, se desenvolve, produz e reproduz, algumas de suas dinâmicas de poder que podem reificar a produção do conhecimento e como isso é deletério ao processo formativo-subjetivo.

**Palavras-chave:** escrita acadêmica, educação, educação superior.

**Lista de abreviaturas**

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

SciELO Scientific Electronic Library Online

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CT&D: Catálogo de Teses e Dissertações.

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais.

WAC: Writing Across the Curriculum (Escrita Através do Currículo).

WID: Writing in the Disciplines (Escrita nas Disciplinas).

REUNI: Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

GEFOCS: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Cultural e Sociedade.

## Sumário

Agradecimentos	5
Resumo:	6
Lista de abreviaturas	7
Sumário	8
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1 TRAJETÓRIA DAS PESQUISAS SOBRE ESCRITA ACADÊMICA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA</b>	<b>19</b>
1.1 Antecedentes internacionais: Contextualização geral dos Estudos sobre Escrita Acadêmica	20
1.2 Do internacional para o nacional: Prismas da Pesquisa sobre Escrita Acadêmica no Brasil	24
<b>2 CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA BRASILEIRA: PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS</b>	<b>32</b>
2.1 Explorando a literatura acadêmico-científica brasileira: Um Mapeamento Inicial das Pesquisas sobre Concepções de Escrita Acadêmica	33
2.2 Percepções e Abordagens: as Pesquisas Identificadas e suas Implicações no Estudo das Concepções de Escrita Acadêmica	41
<b>3 CONSTELAÇÕES EDUCATIVAS DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA</b>	<b>43</b>
Zodíaco: um percurso formando o corpus documental	44
SciELO	44
BDTD	44
Google Acadêmico	45
O corpus completo e seus subcorpora	47
Signos: aspectos gerais das concepções de escrita acadêmica	48
As estrelas descem à terra: signos nas miríades de luzes	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>82</b>
Lista dos trabalhos perscrutados no estado da arte	82
Lista dos trabalhos do corpus documental (conforme a ordem em cada subcorpora, também seguida no mapeamento)	84

## INTRODUÇÃO

81546 937 **graduando** 62 039480927 3 57032851 51 40326907 51 276892  
51 24106 (TCC), 6782 937 15840 06539472 27368725, 39482072 85  
**regras** 276 403 051726 567791 **da escrita acadêmica**, 2564 75 8204897,  
59162 75 960182407 51 70152943 09678234, 210534 71 76 3480518  
76187245 187 56 260471823 9264371. (Braga, 2023, p.87-8)<sup>1</sup>

Nesta pesquisa tratamos das concepções de escrita acadêmica. Identificando-as na literatura acadêmico-científica<sup>2</sup> brasileira, queremos aprender com elas, ouvindo delas aquilo que podem nos dizer e o que deixam entrever sobre suas facetas educativas. Como uma investigação qualitativa, bibliográfica e descritivo-exploratória, pesquisamos essas concepções focalizando nelas as suas constelações educativas mediante uma abordagem crítico-dialética.

Queremos pôr as referidas concepções em perspectiva descrevendo e, em alguma medida, analisando-as quanto às suas dimensões educativas, isto é, seus fundamentos epistemológicos, reverberações na prática pedagógica, seu papel na produção do conhecimento dos processos pedagógicos da educação superior.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que as práticas de escrita “[...] se assentam em concepções e que são essas concepções que definem as ações institucionais [...] que por sua vez influenciam as práticas adotadas individualmente nas diferentes disciplinas [...]”(Ferreira, 2013.p.19).

Como sugere a professora Maria de Lourdes Santos Ferreira, nossas concepções de escrita acadêmica influenciam como entendemos e interpretamos o que significa escrever academicamente. De forma explícita ou tácita, elas desempenham um papel importante na definição das ações institucionais, como políticas de ensino, pesquisa e extensão, nas quais a escrita acadêmica é central. Isto é, ainda que inconscientemente, trabalhamos de forma ativa com pressupostos conceituais e conceptivos que, em grande medida e em conjunto com outras condições materiais e subjetivas da nossa contingência, circunscrevem nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão na educação superior.

---

<sup>1</sup> Incluímos uma citação-concepção diferente em cada início de capítulo, visando evidenciar ainda mais a pluralidade das concepções de escrita acadêmica que encontramos.

<sup>2</sup> No contexto desta pesquisa entendemos que a literatura acadêmico-científica se refere ao conjunto de publicações que resultam de pesquisas e estudos realizados em ambientes acadêmicos e científicos. Essa literatura é caracterizada por sua rigorosidade, metodologia clara e busca por contribuir ao conhecimento em diversas áreas do saber.

A relação entre essas concepções e as ações institucionais é crucial, pois as políticas da educação superior, definidas pelas instituições, têm um impacto direto sobre as práticas e estratégias de escrita adotadas pelos docentes e discentes em suas disciplinas e na sua prática de pesquisa em geral. Isso significa que as políticas de ensino, pesquisa e extensão, que refletem as concepções predominantes sobre escrita acadêmica, podem condicionar o jeito como os professores escrevem e “ensinam” a escrever academicamente. Conseqüentemente, isso condiciona em certa medida as maneiras como esses pesquisadores desenvolvem suas práticas e estratégias de escritas acadêmicas, inclusive com seus orientandos.

No nosso entender, essa compreensão só ressalta a importância de reconhecer as concepções subjacentes às práticas de escrita acadêmica, sempre problematizando-as, pois elas podem influenciar significativamente a qualidade e a eficácia do ensino e da aprendizagem da escrita acadêmica. Além disso, podem condicionar o papel que a escrita acadêmica pode ter no ensino, na pesquisa e na produção do conhecimento nos processos pedagógicos na educação superior.

Dessa forma, a pesquisa e a reflexão sobre as concepções de escrita acadêmica podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das estratégias de escrita dos pesquisadores e estudantes. Estratégias essas que também podem ser fatores importantes na permanência ou evasão da educação superior, na redução de desigualdades e elitismos acadêmicos, que por sua vez acompanham a universidade brasileira, se não desde o seu início, pelo menos vem recrudescendo ao longo das últimas décadas.

Como sugere Leher (2004),

A partir dos anos de 1990, novas noções, imagens, temas e referências com pretensão conceitual compõem o léxico da educação superior: produtividade, qualidade, competitividade, flexibilidade, gestão e eficiência. O metro para aferir a qualidade deixa de ser um determinado "ethos" acadêmico, tomando emprestado um outro sistema de medida: o mercado. Assim, a aferição é feita a partir de noções como produtividade, eficiência, excelência, flexibilidade e empreendedorismo (Leher, 2004, p.881)

O autor destaca uma transformação significativa no cenário da educação superior a partir dos anos 1990, caracterizada pela introdução de novas noções e valores que refletem uma mudança paradigmática nas prioridades e nas perspectivas adotadas para a educação. Nesse contexto, segundo ele, o léxico da educação superior passa a incorporar princípios e práticas oriundos do ambiente empresarial

por meio de conceitos e termos como produtividade, qualidade, competitividade, flexibilidade, gestão e eficiência.

A mudança na avaliação da qualidade é particularmente notável. Anteriormente ancorada em uma postura ou, digamos, um "ethos" acadêmico, a avaliação da qualidade agora adota parâmetros e critérios emprestados do mercado. Isso implica que a qualidade educacional passa a ser medida não por parâmetros e valores acadêmicos, mas por meio de métricas externas relacionadas à produtividade, eficiência e desempenho.

A utilização de noções como produtividade, eficiência, excelência, flexibilidade e empreendedorismo como critérios de avaliação reflete uma mudança na forma como a educação superior é concebida e gerida. Em linhas gerais, isso pode significar que os critérios de avaliação para a educação superior estão mudando, incorporando conceitos do campo da gestão/administração. Essa mudança prioriza essencialmente a obtenção de resultados mensuráveis e a capacidade de atender às necessidades do mercado, ao invés de valores acadêmicos e/ou científicos. Trata-se de um avanço da mercadorização dos saberes, por meio da qual as experiências são transformadas em meros produtos.

Essa transformação suscita reflexões sobre os impactos dessa mudança de paradigma na natureza e nos objetivos da educação superior. A avaliação centrada no mercado pode influenciar a maneira como as instituições de ensino definem suas prioridades, moldam seus currículos e gerenciam recursos, alterando potencialmente o propósito da educação superior. Além disso, a ênfase em valores empresariais pode impactar a experiência dos estudantes, a pesquisa acadêmica e a função social das instituições de educação superior.

Com relação a isso, para Da Silva,

Os destinos da educação, desse modo, parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do "conhecimento". Como decorrência, os sistemas educacionais dos vários países sofrem pressões para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas a preparar as novas gerações e, além da atualização do sistema escolar, criam-se mecanismos para regulação e controle de uma educação falsamente continuada. Além de uma crescente política de privatização da educação, os processos institucionais e pedagógicos são submetidos cada vez mais aos processos empresariais de organização – mais qualidade com menos custos – essa é a lógica do sistema. (Da Silva, 2011, p.9)

Assim como Leher (2004), Da Silva (2011) nos oferece uma perspectiva crítica sobre as transformações na educação superior brasileira. Eles destacam a imbricação

entre os destinos da educação numa sociedade capitalista e as demandas de um mercado em constante expansão. Essa articulação direta sugere que os sistemas educacionais, em diversos países, enfrentam pressões para se adaptarem às exigências desse mercado.

A referência à construção ou consolidação de sistemas de ensino mais eficientes, capazes de preparar as novas gerações, reflete a influência da lógica empresarial neoliberal na abordagem da educação. A busca por “eficiência” não apenas ressoa com as noções de produtividade e eficiência antes mencionadas por Leher (2004), mas também realça a ideia de que a educação é cada vez mais avaliada à luz de métricas associadas ao desempenho econômico. Trata-se cada vez mais de migrar o educativo em administrativo, no desenvolvimento de uma educação administrada.

Além disso, a alusão de Da Silva (2011) a privatização da educação destaca outro aspecto preocupante: que os processos institucionais e pedagógicos estão sendo cada vez mais moldados por princípios empresariais. Para esses princípios a busca por qualidade é muitas vezes traduzida como oferecer mais produtos com menos custos. Essa lógica, conforme mencionado, reflete a influência da mentalidade empresarial na gestão e na estruturação dos sistemas educacionais. Como de resto também se evidencia em outras instituições sociais no nosso contexto atual de capitalismo neoliberal.

Em conjunto, tanto Leher (2004) quanto Da Silva (2011) ressaltam a complexa interação entre a educação superior e os valores e práticas associados ao mundo empresarial, levantando questões importantes sobre os objetivos, a natureza e os impactos ou implicações dessas transformações para a educação.

No contexto dessa “mudança de eixo” da educação, Cruz (2018) salienta que, embora a escrita acadêmica tenha um papel reconhecidamente vital no mundo acadêmico, além da escassez de pesquisas sobre o assunto na educação superior, ela vem sendo pensada preponderantemente como produto, sob uma lógica crescente de produtivismo e mercadorização. Ou seja, os processos e práticas de pesquisa e escrita, na produção do conhecimento, acabam reduzidos a produtos ou produções, a escrita torna-se sinônimo de artigo publicado.

Para Cruz (2018), essa ênfase na escrita acadêmica como produto sugere que, muitas vezes, a atenção recai mais sobre o resultado, como artigos, monografias ou teses, do que no processo em si. Novamente, é o educativo reduzido a

tangibilidade de imediatidades mercadorizáveis. Esse enfoque tende a estar alinhado a uma dinâmica crescente de produtivismo e mercadorização no ambiente acadêmico. Uma demanda crescente por produções constantes, resultados tangíveis e mensuráveis, na qual os “impactos” muitas vezes estão vinculados a indicadores como a quantidade de publicações e de citações por autor. A pesquisa, outrora concebida como um esforço coletivo para a superação dos limites da condição humana, degenerou em um mero concurso de popularidade. Nesse contexto, a escrita acadêmica pode ser percebida mais como uma obrigação burocrática, para “bater metas” de produtividade, do que uma experiência educativa ou formativa.

Outro ponto importante, como nos relata Do Carmo,

[...] a preocupação com a escrita no contexto universitário tem despertado o interesse de diversos investigadores, em diferentes partes do mundo; porém nota-se que ainda são poucas as pesquisas voltadas para o processo de intervenção nesta área. Mais uma vez, enfatiza-se a importância do estudo dessa temática, principalmente em contexto nacional. (Do Carmo, 2017, p.101).

A prof. Mariana Coralina Do Carmo aponta para um paradoxo relevante, segundo ela, embora haja um interesse crescente em compreender a escrita acadêmica, no Brasil essas pesquisas ainda são escassas. Esse cenário ressalta a importância de investigar a escrita acadêmica no contexto nacional, já que ela está diretamente ligada ao sucesso acadêmico e a produção do conhecimento.

A falta de pesquisas e intervenções nessa área pode resultar em estudantes enfrentando dificuldades significativas nas escritas acadêmicas, o que, por sua vez, pode afetar negativamente seu desempenho acadêmico, profissional e subjetivo. Portanto, o chamado para uma maior atenção a essa temática é oportuno, especialmente levando em conta as demandas cada vez mais complexas da educação superior.

Seguindo esse diagnóstico, mas buscando problematizá-lo, procuramos na própria literatura acadêmico-científica nacional por elementos que o corroborassem ou não. Como parte da justificativa, buscando ressaltar o impacto social e acadêmico da nossa pesquisa, elaboramos uma revisão bibliográfica sistemática, um estado da arte. Realizamos um levantamento abrangente sobre o tema das concepções de escrita acadêmica nas principais bases de dados da literatura acadêmico-científica brasileira.

Examinando as bases de dados: BDTD, Google acadêmico e SciELO, percebemos que realmente há uma carência significativa de materiais sobre as concepções de escrita acadêmica. No contexto desta pesquisa, entendemos que essa exiguidade de uma conceituação pode explicitar a precariedade do desenvolvimento da pesquisa sobre o tema. Apesar de termos usado descritores como "concepção de escrita acadêmica", "concepções de escrita acadêmica", "noção de escrita acadêmica" e "noções de escrita acadêmica" entre outros, identificamos somente 45 trabalhos, dos quais apenas 3 se alinham com o escopo da nossa pesquisa.

Essas três pesquisas desenvolvem perspectivas sobre as concepções de escrita acadêmica e suas dinâmicas em diferentes contextos. Melo e Araújo (2022) exploram as percepções de graduandos e docentes, revelando desafios e estratégias da prática da escrita em um curso específico. De Carvalho, Figueiredo e Bonini (2006) concentram-se nas concepções de mestrandos, destacando a influência positiva de experiências de ensino. Do Carmo (2017) oferece uma perspectiva interventiva, apresentando e analisando um programa de escrita de sínteses. Juntas, essas pesquisas contribuem para um entendimento mais profundo da escrita acadêmica, abordando desde as percepções iniciais até intervenções específicas para aprimorá-la.

Considerando tudo isso, entendemos que essa lacuna corrobora a justificativa da relevância da nossa pesquisa. Seguindo nessa lógica, desenvolvemos um detalhamento desse primeiro levantamento no nosso segundo capítulo, mais adiante.

Explicitadas algumas das motivações que nos conduziram ao desenvolvimento da nossa pesquisa, bem como alguns aspectos do referencial teórico, passemos à questão central. No contexto desta pesquisa, queremos entender: quais são as constelações educativas das concepções de escrita acadêmica encontradas na literatura acadêmico-científica brasileira? Ao explorar essas constelações educativas, esperamos esboçar uma espécie de cartografia desses elementos e dimensões educativas que subjazem e perpassam essas concepções.

Tendo esse problema em vista, nosso objetivo geral é **analisar** as concepções de escrita acadêmica encontradas na literatura acadêmico-científica brasileira visando suas constelações educativas.

Para engendrar esse objetivo, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- a) **Descrever** brevemente o histórico da pesquisa sobre a escrita acadêmica no Brasil desde a década de 1990.
- b) **Retratar** as pesquisas antecedentes que investigaram as concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira.
- c) **Mapear** as pesquisas sobre escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira para compor o corpus documental a ser analisado.
- d) **Analisar** as constelações educativas das concepções de escrita acadêmica identificadas no corpus documental.

Com esses quatro objetivos específicos, interligados, queremos desenvolver um entendimento das concepções de escrita acadêmica no contexto brasileiro, desde suas origens históricas até as correntes contemporâneas, enfatizando a importância das constelações educativas que permeiam essas concepções.

Quanto à questão metodológica, esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e descritivo-exploratória (Gerhardt, 2009). Como instrumento metodológico utilizaremos a revisão de literatura de tipo sistemático para o estado da arte e também no levantamento de pesquisas que tratam da escrita acadêmica para composição do corpus documental. Ou seja, a primeira etapa metodológica é predominantemente bibliográfica com ênfase em revisão sistemática.

Na segunda etapa, na qual desenvolvemos as análises propriamente, a constelação adorniana entre como orientação metodológica e analítica, para, entre outras coisas, localizar e identificar no corpus documental as expressões-chave que exprimem ou evidenciam de algum modo as concepções de escrita acadêmica presentes nesses trabalhos. Nesse sentido, construímos um corpus documental composto por teses, dissertações, tcc's e artigos disponíveis em bases de dados brasileiras, cujo tema fosse a escrita acadêmica. Cabe ressaltar que escolhemos manter os resumos, resumos expandidos e capítulos de livros de fora, pois, sua indexação nas bases de dados se mostrou, já no estado da arte, bastante inconsistente.

Dessa maneira, nas análises, utilizamos a constelação adorniana, entendida aqui como uma abordagem, um proceder, visando a imanência crítica do objeto na relação com ele (Satie, 2014). Desejamos seguir atiladamente o modo desse autor (Adorno, 2004) de perquirir o objeto sem reduzi-lo aos meios categoriais ou conceituais com que lhe indagamos.

A constelação adorniana será pensada e mobilizada para a leitura das concepções identificadas, buscando desvelar os pressupostos, fundamentos e contextos subjacentes a elas. Ao integrar elementos da constelação adorniana, visamos alcançar uma compreensão mais profunda e contextualizada das concepções de escrita acadêmica presentes na literatura acadêmico-científica brasileira.

As "constelações" representam o conjunto de ideias, teorias, métodos e práticas que se conectam e organizam em torno do tema da escrita acadêmica. Essas constelações dizem respeito tanto ao que as próprias concepções revelam de forma explícita quanto aos aspectos que, em uma análise crítico-dialética, surgem como sutilezas, nuances ou prismas que aprofundam nossa compreensão dessas concepções. Ao utilizar a expressão "constelações educativas", enfatizamos que buscamos ir além das concepções isoladas, investigando o conjunto de elementos educativos, sociais e culturais que influenciam as compreensões, processos e práticas da escrita acadêmica.

Como nos diz Adorno,

O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem-guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica. (Adorno, 2009, p.106).

Adorno utiliza uma metáfora interessante ao comparar esse processo de compreensão com a abertura de um cofre bem guardado. Nesse contexto, o pensamento teórico deseja circunscrever o conceito, como se estivesse tentando encontrar a combinação numérica correta, uma "com-figura-ação" certa, para abrir o cofre. Isso sugere que, no entendimento dele, o conhecimento do objeto não é alcançado de forma simplista, mas sim por meio de uma abordagem complexa e multifacetada. Assim como abrir um cofre requer não uma chave, mas combinações - que, aliás são também elas, enquanto senhas, ambíguas e provisórias--, compreender um objeto ou conceito exige uma análise aprofundada que considere suas várias dimensões e complexidades.

Nessa esfera, a constelação pode superar praticamente toda idiossincrasia dos objetos de que trata e, ao mesmo tempo, está ancorada, até certa medida, naquilo que é próprio desses objetos, em razão de que é isso propriamente a força motriz do

movimento interno da sua dialética. Ou seja, quando o objeto se projeta para além daquilo a que, resistindo, ele permanece ligado, ele próprio nos permite entrever seus conteúdos e suas verdades.

Ainda que ela, a constelação, possa se liberar criticamente de amarras e pré-juízos iniciais, ela sempre começa partindo de algum ponto axiomático que lhe é revelado pelo próprio objeto. Mas no geral esse aspecto de configuração, de combinatória, de conjunção e de aninhamento de movimentos aparentemente diversos num seio mais ou menos comum, isso é central na caracterização da constelação.

Assim, ao destacar as constelações educativas nas concepções de escrita acadêmica, estamos atentos às influências profundas que essas perspectivas exercem sobre o campo educacional brasileiro, incluindo seu impacto nas políticas educacionais, nas práticas pedagógicas e, sobretudo, nas estratégias de escritas mobilizadas na produção de conhecimento na educação superior.

Corroborando esse entendimento, como coloca Nascimento

Adorno e Benjamin usam diversas vezes a ideia de “constelação” para indicar essa outra via, contrária à hierarquização – e que pode ser entendida até mesmo como um método. Os conceitos postos em constelação são todos igualmente importantes, em si e nas relações que estabelecem um com os outros formando um todo. Isso quer dizer, na prática, que não devemos escrever escolhendo conceitos que vão ser as chaves de leitura para determinado fenômeno e tentar tudo fazer encaixar nesses conceitos. (Nascimento, 2021, p. 11)

Com o pensamento constelativo de Adorno (2009), torna-se crucial explorar as contradições internas e os limites impostos pelas concepções de escrita acadêmica, enquanto simultaneamente buscamos desvelar as tensões entre o formalismo acadêmico e as possibilidades emancipadoras da escrita acadêmica.

A constelação, enquanto método de reflexão, nos permite juntar essas concepções aparentemente dispersas e ver o que cada uma delas revela sobre o processo formativo da escrita. É um olhar granular sobre a escrita da pesquisa em processo. Cada conceito, ao ser trazido para o campo da constelação, revela tanto aquilo que esconde quanto aquilo que, em articulação com os outros, pode iluminar.

Como sugerimos anteriormente, planejamos que os capítulos sigam uma organização conforme os objetivos específicos. Entendemos que essa concatenação também segue uma estrutura lógica que corrobora nossa abordagem epistemológica mais crítico-dialética.

No primeiro capítulo, **Trajectoria das pesquisas sobre escrita acadêmica: uma perspectiva histórica**, traçamos uma revisão histórica do campo dos estudos sobre escrita acadêmica no Brasil. Nesse sentido, abordamos as contribuições dos estudos de letramento, que têm sido fundamentais para compreender a evolução do debate nacional sobre escrita acadêmica. Com o auxílio de pesquisas como “**Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica**” da Professora Ms. Elizabeth Maria da Silva (UFMG), mostramos alguns dos antecedentes internacionais dos estudos sobre a escrita acadêmica. Na sequência, retratamos algumas das implicações desses antecedentes internacionais na pesquisa sobre escrita acadêmica no Brasil e também as nossas particularidades brasileiras nesse campo de estudo. Para isso, nos baseamos em autores como Raquel Salek Fiad, especialmente seu texto “**A escrita na universidade**” de 2011, Elizabeth Maria Da Silva, no seu artigo “**Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica**” de (2017), a pesquisa “**Práticas Discursivas e Ensino do Texto Acadêmico: Concepções de alunos de Mestrado Sobre A Escrita**” de Débora de Carvalho Figueiredo e Adair publicada em (2006), entre outros, cujas obras foram fundamentais para o entendimento do desenvolvimento desses estudos no país.

Já no segundo capítulo, **Concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira: perspectivas e tendências**, afinando um pouco mais, trouxemos um detalhamento do estado da arte. Isto é, um levantamento um pouco mais detalhado sobre as pesquisas que já trataram das concepções de escrita acadêmica. De certa forma, já tendo delineado alguns aspectos do campo dos estudos da escrita acadêmica, passamos as pouquíssimas pesquisas que encontramos na literatura acadêmico-científica nacional (BDTD, CT&D, SciELO, Google Acadêmico), cuja preocupação foi as concepções de escrita acadêmica. Neste capítulo podemos destacar a presença de Abbagnano, com o verbete concepção, do seu dicionário de filosofia, utilizado aqui como apoio na breve discussão sobre um conceito de concepção. Além disso, nesse segundo capítulo evidenciamos alguns detalhes dos três trabalhos que foram lidos e analisados no estado da arte: **Percepções sobre a escrita acadêmica no contexto de um curso de Licenciatura Letras-Português** de Bárbara Olímpia Melo e Cibele Karine Araújo (2022); **Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita** de Débora de Carvalho Figueiredo e Adair Bonini (2006) e **Avaliação de um**

**programa de intervenção na escrita de sínteses para estudantes universitários** da Mariana Coralina do Carmo (2017).

No capítulo de análises, **CONSTELAÇÕES EDUCATIVAS DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA**, elaboramos uma seção explicitando os procedimentos metodológicos e a formação do corpus documental. Se no estado da arte buscamos por pesquisas que trabalharam com as concepções de escrita acadêmica, visando encontrar pesquisas similares a nossa, na composição do corpus buscamos pelo nosso objeto, mapeando as pesquisas que tratam da própria escrita acadêmica. Com isso, supusemos que as pesquisas que tratam de escrita acadêmica podem evidenciar entendimentos, noções e/ou concepções de escrita acadêmica.

Também, nesse capítulo de análises delineamos alguns aspectos das "constelações", enquanto conceito e abordagem. Nesse delineamento, nos orientamos por textos adornianos como: **Dialética Negativa** (Adorno, 2009) e **Teoria estética**. (Adorno, 1992). Além do processo da pesquisa e dessa parte conceitual, trazemos propriamente as análises, um exame dos grupos de constelações explorando as constelações educativas das concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira.

## **1 TRAJETÓRIA DAS PESQUISAS SOBRE ESCRITA ACADÊMICA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

*Nas atividades enunciativas, como a escrita acadêmica em específico, quando citamos um discurso, falamos de uma fala/discurso dito por um outro específico, o qual é o referente e objeto da mensagem em enunciação. As formas de RDO estão inseridas no campo da metadiscursividade. Trata-se de marcas linguísticas que têm por objeto, prioritariamente, um outro discurso. (Souza,2017, p.55)*

Para compreendermos alguns aspectos históricos das pesquisas sobre escrita acadêmica no Brasil, entendemos que seria relevante apontar alguns antecedentes internacionais. A compreensão dos antecedentes internacionais das pesquisas sobre escrita acadêmica enriquece nosso entendimento do cenário das dinâmicas históricas no Brasil com relação a esse tema. À medida que exploramos os desenvolvimentos locais, é crucial reconhecer como os padrões e as diretrizes internacionais influenciaram nossa abordagem nacional em relação à escrita acadêmica, moldando como as universidades brasileiras enfrentam os desafios

contemporâneos associados à escrita acadêmica enquanto elemento-chave na produção do conhecimento.

### **1.1 Antecedentes internacionais: Contextualização geral dos Estudos sobre Escrita Acadêmica**

Primeiramente, cabe ressaltar, que descobrimos que existem autores que associam a ampliação do acesso à educação superior à crescente preocupação com a escrita acadêmica, suas práticas e ensino na universidade. Ao que tudo indica, essa ainda é uma perspectiva prevalente na literatura, muito embora, como mostraremos mais adiante, ela já esteja mostrando suas limitações.

Conforme Maria Elisabeth Da Silva (2017), nos Estados Unidos o ensino da escrita acadêmica sofreu uma transformação notável no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Esse período testemunhou um aumento na diversidade e tamanho da comunidade estudantil universitária, o que desencadeou uma necessidade premente de reformular como a escrita era ensinada. Segundo Da Silva,

Nos Estados Unidos, a expansão da educação superior ocorreu no final de 1960 e início de 1970. O crescimento da comunidade estudantil universitária desse país – heterogênea e diversificada – trouxe consigo uma necessidade de redirecionamento no ensino de escrita (BAZERMAN; PRIOR, 2007 [2004]). Nesse contexto, surgiu um movimento pedagógico denominado Writing Across the Curriculum (WAC), cujo objetivo era incorporar a escrita nas disciplinas ao longo dos currículos universitários, constituindo-se de duas tendências: Writing to Learn (WTL) e Writing to Disciplines (WID) (RUSSELL et. al., 2009). (Da Silva, 2017.p.2)

Um primeiro ponto, destacado pela autora, é a expansão da educação superior nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, um período marcado por mudanças significativas na composição da comunidade estudantil universitária. Segundo a autora, com a chegada de uma população estudantil mais heterogênea e diversificada, surgiu a necessidade de reformular a abordagem do ensino da escrita acadêmica.

Segundo a autora, isso levou à criação do movimento pedagógico conhecido como "Writing Across the Curriculum" (WAC). O WAC visa integrar a escrita em todas as disciplinas universitárias, reconhecendo que a escrita é essencial para o sucesso acadêmico em todas as áreas. Além disso, Da Silva (2017) menciona duas tendências dentro do WAC: "Writing to Learn" (WTL) e "Writing to Disciplines" (WID). A primeira

se concentra em usar a escrita como uma ferramenta para melhorar a aprendizagem, enquanto a segunda foca mais na incorporação da escrita em contextos disciplinares específicos.

Nesse sentido, com mostra Da Silva,

Na segunda tendência do WAC, a WID, enfatiza-se o ensino da escrita em contextos disciplinares específicos, buscando-se desenvolver tanto nos professores quanto nos alunos o papel consciente da escrita, a partir da discussão sobre as necessidades de escrita dos alunos nas disciplinas, a maneira pela qual a escrita funciona em cada uma das disciplinas e o modo como os estudantes podem se envolver ainda mais com a escrita nas disciplinas. Além disso, há uma preocupação em não trabalhar apenas com estruturas de gêneros, mas, principalmente, com as práticas nas quais os gêneros estão inseridos, de modo que o discente possa compreender a funcionalidade que a escrita assume em determinada comunidade disciplinar (RUSSELL, et. al., 2009). (Da Silva, 2017.p.2)

Segundo a autora, a abordagem da "Writing to Disciplines" (WID) no movimento WAC enfatiza a importância de ensinar a escrita em contextos disciplinares específicos. Isso envolve uma compreensão mais profunda, tanto por parte dos professores quanto dos alunos, sobre o papel da escrita em suas disciplinas. A discussão das necessidades de escrita dos alunos dentro de cada disciplina é um aspecto crucial desse processo. Além disso, a autora ressalta que não se trata somente de ensinar estruturas e/ou gêneros textuais, mas de compreender as práticas de escrita em suas comunidades disciplinares. Aqui é o escrever "dentro" do contexto das disciplinas. Isso significa que os alunos devem entender como a escrita é usada em contextos acadêmicos específicos, permitindo que eles se envolvam com a escrita em suas áreas de estudo.

Continuando esse percurso histórico, Da Silva (2017) sinaliza que, de modo análogo ao movimento estadunidense, na educação superior do Reino Unido também houve uma expansão durante o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Esse crescimento, resultado de políticas governamentais destinadas a aumentar o acesso à educação superior, trouxe uma ampla gama de estudantes locais e internacionais para as universidades britânicas. No entanto, esse aumento na diversidade, também trouxe novos desafios, especialmente em relação à escrita acadêmica. As dificuldades percebidas na escrita foram frequentemente atribuídas pelos professores às possíveis lacunas linguísticas e textuais dos alunos.

Segundo Da Silva,

No Reino Unido, a expansão universitária, ocorrida no final de 1980 e início de 1990, também se configurou como parte de uma ação governamental relativa à ampliação de acesso à educação superior, visando à inclusão tanto de estudantes locais, quanto internacionais. O aumento no número de estudantes nesse nível de ensino, assim como aconteceu nos Estados Unidos, foi acompanhado pela presença de uma diversidade linguística, social e cultural que eles traziam consigo, além de dificuldades em relação à escrita acadêmica. Essas dificuldades eram justificadas pelo discurso oficial e por professores da educação superior a partir do argumento de que os alunos ingressavam na universidade com muitas lacunas no tocante à linguagem escrita, fato que estava gerando uma crise nesse nível de ensino. Logo, acreditava-se que, se cursos fossem ministrados com vistas a sanar as lacunas linguístico-textuais, essa crise seria resolvida (LEA; STREET, 1998, 2006; LILLIS; SCOTT, 2003). (Da Silva, 2017.p.2)

Essa expansão universitária no Reino Unido nas décadas de 1980 e 1990, como indica a autora, foi resultado de políticas governamentais que buscavam aumentar o acesso à educação superior. Isso levou a um crescimento no número e na diversidade de estudantes, que trouxeram consigo uma diversidade linguística, social e cultural. Essa diversidade, até então estranha ao ambiente universitário, trouxe desafios em relação à escrita acadêmica.

Durante esse período, como sugere Da Silva (2017) muitos acreditavam que os alunos ingressavam na universidade com deficiências, falhas ou mesmo déficit na sua formação, especialmente quanto à linguagem escrita. No nosso entender, isso acabou reforçando uma ideologia do déficit (Souza, 2023) que por um lado não reconhecia a importância das culturas e saberes diversos desses estudantes e ainda transferia para eles o peso do seu fracasso acadêmico.

Ainda nesse contexto, conforme Da Silva (2017), os professores e pesquisadores Mary Lea e Brian Street (1998) desafiam a visão predominante de que as deficiências dos alunos eram principalmente linguísticas. Em vez disso, eles argumentavam que as dificuldades dos alunos estavam mais relacionadas a diferenças fundamentais nas expectativas dos professores e dos estudantes em relação à escrita acadêmica.

Essa perspectiva destaca a necessidade de considerar as dimensões epistemológicas e contextuais da escrita acadêmica. Eles propõem o conceito de "letramentos acadêmicos" como uma lente crítica por meio da qual a escrita dos estudantes pode ser melhor compreendida, indo além da mera habilidade linguística e abordando questões mais profundas relacionadas à construção de conhecimento.

Para Da Silva,

Lea; Street (1998), discordando desse argumento de que a crise na educação superior, no Reino Unido, é devida às deficiências dos alunos, defendem que os problemas dos estudantes com a escrita parecem ser mais no nível epistemológico do que linguístico e frequentemente são causados pelas lacunas entre as expectativas dos professores e as interpretações dos estudantes em relação ao que está envolvido na sua escrita. É nesse contexto que propõem os letramentos acadêmicos como uma perspectiva a partir da qual a escrita dos estudantes poderia ser entendida.” (Da Silva, 2017.p.2)

Lea e Street (1998) argumentam que os problemas dos estudantes com a escrita estão mais relacionados a questões epistemológicas do que linguísticas. Isso pode significar que tais dificuldades não se limitam à linguagem em si, nem estão relacionadas somente às diferenças entre as expectativas dos professores e as interpretações dos alunos sobre o que é necessário em seus trabalhos de escrita acadêmica.

A ênfase dada por Lea e Street (1998) ao aspecto epistemológico, em detrimento de uma abordagem predominantemente linguística para compreender as dificuldades na escrita acadêmica, representa uma mudança significativa de perspectiva. Ao deslocar o foco das deficiências linguísticas para o âmbito epistemológico, os autores parecem sugerir que as barreiras enfrentadas pelos estudantes vão além da mera expressão verbal ou de problemas de ortografia vindos de uma educação básica diversa e possivelmente defasada. Eles sugerem que essas dificuldades podem estar enraizadas nas formas como os estudantes constroem e organizam conhecimento, interpretam informações e se relacionam com os conceitos.

Essa abordagem, digamos assim, mais epistemológica, requer reconhecer que os desafios na escrita acadêmica não se limitam à superfície textual ou a microtextualidades, mas têm raízes mais profundas nos processos cognitivos e na compreensão dos fundamentos da experiência do conhecimento.

Agora que exploramos alguns aspectos históricos do ensino da escrita acadêmica nos Estados Unidos e no Reino Unido, vejamos como essa trajetória se desenrolou no contexto brasileiro. Na próxima seção, logo abaixo, direcionamos nossa atenção para o contexto brasileiro, em que também são identificáveis aspectos específicos e desafios únicos relacionados ao ensino e à prática da escrita acadêmica. À medida que exploramos os antecedentes, consideramos como esses fatores globais influenciaram o tratamento brasileiro em relação à escrita acadêmica, bem como as contribuições locais que moldaram o desenvolvimento dessa disciplina no âmbito acadêmico brasileiro.

## 1.2 Do internacional para o nacional: Prismas da Pesquisa sobre Escrita Acadêmica no Brasil

Assim como no âmbito internacional, a pesquisa sobre a escrita acadêmica no Brasil vem passando por diversas fases e mudanças de perspectiva nos últimos 30 anos. Hoje, ela se destaca como um campo de estudo influenciado pela expansão da educação superior, pelas teorias de letramento e pela crescente conscientização sobre a complexidade da escrita acadêmica como um processo dinâmico e contextualizado. Essa evolução promete contribuir para estratégias pedagógicas e uma compreensão crítica das práticas de escrita acadêmica e sua relação com a produção do conhecimento na educação superior brasileira.

Por um lado, como coloca Ferreira,

Assim como os estudos sobre a escrita têm sido deflagrados, invariavelmente, por um histórico de defasagem comum a determinadas etapas da escolarização – dificuldades com a escrita nos anos iniciais de alfabetização, dificuldades com a escrita no ensino fundamental e médio, problemas de redação no vestibular – os estudos sobre a escrita acadêmica também podem ser historicizados a partir de um determinado contexto, comum às pesquisas acerca de tal temática. Os estudos sobre a escrita acadêmica estão fortemente associados à expansão do ensino superior tanto no Brasil como em outras partes do mundo. Um dos processos de expansão de maior repercussão teve seu início nos Estados Unidos a partir da década de 60 do século XX, ganhando visibilidade na Europa a partir da década de 80 e, no Brasil, a partir da primeira década do século XXI, especialmente com a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. (Ferreira, 2013, p.23)

Seguindo por essa lógica, Maria de Lourdes Santos Ferreira destaca a contextualização histórica dos estudos sobre a escrita acadêmica, dizendo que no Brasil houve um processo de expansão do acesso à educação superior, semelhante ao norte-americano e ao britânico. Essa expansão criou novas demandas e desafios em relação à escrita acadêmica, uma vez que estudantes mais diversos e em maior número passaram a frequentar a universidade. Consequentemente, surgiram questões relacionadas ao desenvolvimento de habilidades de escrita específicas para o contexto acadêmico, o que motivou o interesse por estudos nessa área.

Cabe ressaltar que, no nosso entender, essa relação entre a ampliação do acesso à educação superior e o aumento da atenção sobre “o problema da escrita acadêmica”, não deve ser entendida no sentido da ideologia do déficit (Botelho, 2022;

Fischer, 2007). Há uma ideia velada, e potencialmente perigosa, subentendida nesse paralelismo. Uma ideia de que, como esses novos estudantes vêm de classes mais baixas, são eles os incompetentes, já que trazem esse déficit da sua formação pobre na escola pública. Nesse cenário, a universidade e os professores seriam neutros e apenas reconheceriam nesses estudantes e nas suas escritas todas essas “dificuldades” e déficits.

Contudo, como realçaremos mais adiante com a fala da professora Raquel Salek Fiad (2011), desde os anos 80 já se falava dessas dificuldades no Brasil, ou seja, antes da tal expansão do acesso ao ensino, pelo menos trinta anos antes do Reuni (2007)<sup>3</sup> por exemplo.

Além disso, como já mostramos anteriormente em contraposição a essa ideia, de que a crise na educação superior no Reino Unido se devesse às limitações dos estudantes, Lea e Street (1998) argumentaram já na década de 1990 que as dificuldades enfrentadas pelos alunos na escrita acadêmica poderiam estar mais relacionadas a questões epistemológicas do que às linguísticas.

Outrossim, no contexto brasileiro, como nos narra Botelho,

Em contraponto à ideologia do déficit, pesquisadores dos estudos de letramentos buscam compreender as práticas de leitura e escrita a partir de outro prisma: como prática social, cultural, identitária e política marcada por relações de poder e contestação. (Botelho, 2022, p.8)

Enquanto a ideologia do déficit se concentra nas deficiências individuais dos estudantes em leitura e escrita acadêmica, os pesquisadores dos estudos de letramentos adotam uma perspectiva diferente, como sugere Botelho. Eles veem as práticas de leitura e escrita acadêmica como manifestações complexas e multifacetadas da sociedade, da cultura, da identidade e da política. Considerando a leitura e a escrita acadêmica como práticas sociais, os estudiosos de letramentos reconhecem que essas atividades não ocorrem em um vácuo, mas são moldadas e influenciadas por uma série de fatores sociais e culturais. Isso inclui a compreensão de que a escrita não é apenas uma habilidade técnica, mas também uma forma de

---

<sup>3</sup> Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior. A meta é dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação.

Para alcançar o objetivo, todas as universidades federais aderiram ao programa e apresentaram ao ministério planos de reestruturação, de acordo com a orientação do Reuni. As ações preveem, além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, a flexibilização de currículos e o combate à evasão.(BRASIL, 2025)

expressão cultural e identitária. As pessoas usam a escrita acadêmica para construir e afirmar suas identidades, para aprender e pensar, para se envolver em debates políticos e para contestar estruturas de poder.

Essa perspectiva, dos estudos de letramento, presta mais atenção à importância de considerar as relações de poder presentes nas práticas de leitura e escrita. Nesse âmbito, se entende que a escrita não é neutra, mas pode refletir e perpetuar hierarquias sociais e políticas, por meio do preconceito linguístico e do epistemicídio, por exemplo. Portanto, os pesquisadores de letramentos têm se esforçado para compreender como as práticas de leitura e escrita são usadas para reforçar ou desafiar as coisas do jeito como estão, e como elas podem ser meios de empoderamento e resistência para grupos marginalizados.

Com a emergência das teorias de letramento, que trouxeram uma perspectiva mais abrangente e contextualizada para o estudo da escrita, essa mudança se consolidou. No dizer de Fiad

[...]pode-se dizer que, a partir da década de 80, a pesquisa sobre a escrita escolar produzida em diferentes níveis de ensino foi sendo realizada com base em teorias linguísticas, principalmente aquelas do texto e do discurso e formaram um campo de estudos consolidado no contexto acadêmico brasileiro. Às teorias linguísticas vieram, mais recentemente, somar-se as teorias sobre letramento, que despontaram no Brasil nos anos 90 e que vêm sendo retomadas e reformuladas seguidamente. Considerando que os estudos sobre escrita escolar atualmente são fortemente embasados em teorias do gênero (seja discursivo, seja textual), o que se pode observar é uma aproximação entre essas teorias e os estudos sobre letramento. (Fiad, 2011, p.359)

A autora aponta a transformação da pesquisa sobre a escrita escolar no Brasil ao longo das décadas, ressaltando a influência das teorias linguísticas, particularmente as do texto e do discurso, na formação de um campo de estudos consolidado. A partir da década de 80, essas teorias linguísticas passaram a ser fundamentais para a compreensão da escrita acadêmica.

Nos anos 90, com a ascensão das teorias sobre letramento no contexto brasileiro, essas teorias trouxeram uma perspectiva mais ampla sobre a escrita, considerando os aspectos linguísticos, os contextos sociais, culturais e práticos nos quais a escrita ocorre. Isso levou a uma reavaliação e reformulação contínua dos estudos sobre escrita.

Fiad (2011) também destaca a atual proximidade entre as teorias do gênero, tanto discursivo quanto textual, e os estudos sobre letramento acadêmico. Essa

aproximação é significativa, já que ajuda a integrar as perspectivas das teorias linguísticas com as preocupações mais abrangentes dos estudos de letramento. Isso pode permitir uma compreensão mais completa e holística da escrita acadêmica, considerando não apenas a estrutura dos textos, mas também seu papel na formação de sujeitos participantes e ativos da sociedade.

Ainda nesse sentido, como sugere Fiad,

Retomando a discussão iniciada nos anos 80 sobre escrita de estudantes universitários, acredito que é possível dizer que, naquele momento, já havia uma preocupação em entender os problemas e as dificuldades presentes nas escritas produzidas por estudantes que, em princípio, já tinham cursado ao menos onze anos de escolaridade, em que as aulas de língua portuguesa eram obrigatórias. Esse era o espanto que gerou as pesquisas: o que acontecia que os estudantes chegavam à universidade “sem saber escrever”? Se a pergunta podia ser essa naquele momento, hoje não pode mais ser a mesma. Não é mais possível dizer que os estudantes não sabem escrever, de modo genérico e absoluto. Se, antes, era possível ver o desempenho na escrita como habilidades individuais de ler e escrever, adquiridas principalmente na escola, hoje é necessário situar qualquer prática envolvendo a leitura e a escrita em um contexto sócio-histórico-cultural específico. Olhar para as habilidades individuais reforça dicotomias conhecidas: alfabetizados X analfabetos; letrados X iletrados e não considera outros tipos de letramento, principalmente aqueles que acontecem fora do contexto escolar. (Fiad, 2011, p. 360).

A professora Doutora Raquel Salek Fiad destaca uma mudança fundamental na perspectiva sobre a escrita de estudantes universitários ao longo das décadas. Segundo ela, nos anos 80, já havia uma preocupação crescente em compreender porque os estudantes, que já tinham passado por vários anos de escolarização, ainda apresentavam problemas e dificuldades na escrita ao ingressarem na universidade.

Como sugere Fiad (2011) hoje em dia, não podemos mais dizer taxativamente que os estudantes não sabem escrever. A perspectiva mudou, para reconhecer que a escrita não pode ser vista somente como uma habilidade individual e nem como uma competência unicamente adquirida na escola, mas pode ser compreendida em um contexto sócio-histórico-cultural específico. É crucial considerar diferentes formas de letramento, incluindo aqueles que ocorrem fora do ambiente escolar. Essa nova abordagem permite uma compreensão mais ampla e contextualizada das práticas de leitura e escrita dos estudantes universitários.

Fiad (2011) mostra a importância de ir além das dicotomias simplistas, como alfabetizados X analfabetos ou letrados X iletrados. Em vez disso, talvez seja mais interessante considerar a diversidade de letramentos, incluindo aqueles que ocorrem fora do contexto escolar. Ela argumenta que a escrita acadêmica não se limita à

comunicação de resultados de pesquisa, mas também envolve a dimensão epistêmica dos textos, ou seja, como o conhecimento é experienciado e elaborado por meio do escrever dessa escrita acadêmica.

Do mesmo modo, como mostra Da Silva,

[...] ao longo dos últimos anos, pesquisas sobre letramentos acadêmicos têm sido desenvolvidas tanto em âmbito internacional (LEA; STREET, 1998, 2006; LILLIS, 2003; LILLIS; SCOTT, 2003; ZAVALA, 2009; STREET, 2010), quanto, mais recente e paulatinamente, em âmbito nacional (FISCHER, 2010, 2011; MARINHO, 2010; FIAD 2011, 2013). Pesquisadores têm se preocupado em apresentar os princípios teórico-metodológicos que fundamentam esse fenômeno, as questões ideológicas e epistemológicas que o subjazem, bem como as aplicações dos letramentos acadêmicos em contexto de ensino de escrita. (Da Silva, 2017, p.63)

Da Silva (2017) corroborando com Fiad (2011) nos diz que, especialmente da década de noventa para cá, tanto internacional como nacionalmente, temos visto um crescente interesse e pesquisa em escrita acadêmica. Um crescimento especialmente protagonizado pelos estudos de letramento.

A autora destaca a crescente importância e interesse nas pesquisas sobre letramentos acadêmicos e reconhece que, ao longo dos anos, um número significativo de pesquisadores tem se dedicado a explorar os fundamentos teórico-metodológicos dos letramentos acadêmicos, bem como as questões ideológicas e epistemológicas subjacentes a esse fenômeno.

Além disso, a autora enfatiza a relevância das aplicações práticas dos letramentos acadêmicos no contexto do ensino de escrita. Isso indica um movimento em direção a uma compreensão mais profunda e abrangente das complexidades da escrita acadêmica, buscando aprimorar as práticas pedagógicas e a formação dos estudantes nessa área.

Reforçando a posição de Fiad (2011) e Da Silva (2017) a professora Marildes Marinho nos ensina que

São inúmeros os trabalhos que discutem o ensino-aprendizado da leitura e da escrita no ensino fundamental e médio, no Brasil. Ao contrário, a escrita acadêmica não tem recebido a merecida atenção na universidade, seja do ponto de vista do ensino, seja como objeto de pesquisa. Em universidades estrangeiras, são muitas as publicações voltadas para o ensino e a pesquisa sobre a leitura e a escrita nos cursos de graduação e de pós-graduação, enquanto aqui essa produção ainda é tímida (Marinho, 2010, p. 365-366).

Nesse ponto, a autora salienta uma questão importante sobre a atenção escassa dada à escrita acadêmica nas universidades brasileiras. Por um lado, o

ensino e a pesquisa sobre leitura e escrita no ensino fundamental e médio, segundo ela, são discutidos extensivamente, mas a escrita acadêmica na educação superior ainda não recebe a devida atenção. Dito de outra forma, parece que enquanto há uma quantidade significativa de trabalhos dedicados ao ensino e pesquisa em leitura e escrita nos níveis mais básicos da educação, a escrita acadêmica tem sido negligenciada tanto no ensino quanto na pesquisa nas universidades brasileiras.

Esse contexto ressalta a importância de uma abordagem mais ampla e aprofundada da escrita acadêmica no contexto universitário brasileiro, não apenas como objeto de ensino, mas também como área de pesquisa. No nosso entender, a observação perspicaz de Marinho (2010) parece estar correta e é bastante preocupante, uma vez que a escrita é fundamental para o desenvolvimento acadêmico e para a produção do conhecimento.

Seguindo esse diagnóstico, da exiguidade de pesquisas e trabalhos sobre escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira, para Ferreira,

As práticas de escrita têm-se tornado objeto de interesse crescente na pesquisa no Brasil. Vasta é a lista dos trabalhos que tratam de problemas e/ou questões de escrita de um modo geral, seja no ensino fundamental e médio seja nas redações de vestibular (Rocco, 1981; Pécora, 1983; Bastos, 1985; Gil Neto, 1988; Geraldi, 1984, 1996, 1997; Costa Val, 1991; Zamboni, 2001; Emediato, 2005; Costa Val et. al. 2009, Dionisio, Machado e Bezerra, 2007, Correa, 2004, para citar alguns), porém, ainda é bastante restrito o número de pesquisas que se interessam pela prática da escrita acadêmica, em especial considerando-se sua dimensão de processo. (Ferreira, 2013, p.35)

Na visão de Maria de Lourdes Santos, embora haja um interesse considerável em questões gerais de escrita, especialmente nos níveis de ensino fundamental e médio, ainda é limitado o número de pesquisas dedicadas especificamente à prática da escrita acadêmica, especialmente no que diz respeito à sua dimensão como um processo. Isso sugere que, historicamente, a atenção à escrita acadêmica na educação superior como uma área de pesquisa específica tem sido relativamente escassa.

Reiteraremos o reconhecimento dessa lacuna mais detalhadamente no segundo capítulo, mas, por hora, isso salienta a necessidade de mais pesquisas. Sobretudo de pesquisas com perspectivas mais variadas sobre o tema, visando o desenvolvimento de um entendimento mais plural e complexo das práticas de escrita acadêmica no contexto educacional brasileiro.

À medida que mais pesquisadores direcionam sua atenção para as múltiplas dimensões da escrita acadêmica, talvez possamos ver surgirem visões e estratégias pedagógicas mais dialéticas, dialógicas e críticas para apoiar os estudantes e pesquisadores no desenvolvimento de suas habilidades de escrita acadêmica.

Na visão de Botelho,

Os estudos sobre escrita na universidade têm se consolidado, ao longo dos últimos 20 anos, como um campo de pesquisa que busca compreender, entre outros aspectos, de que modo se desenvolvem as práticas de letramentos, numa perspectiva social, que abarcam leitura, escrita, oralidade e multimodalidade no contexto acadêmico. (Botelho, 2022, p.8)

Para a linguística Laura Silveira Botelho, a pesquisa sobre escrita acadêmica tem se consolidado como uma área de estudo importante que trabalha para compreender vários aspectos relacionados ao desenvolvimento das práticas de letramentos no contexto acadêmico.

Uma das principais ênfases dessa tradição teórica é a perspectiva social dos letramentos, que vai além da visão tradicional que considera apenas a escrita como uma habilidade individual. Em vez disso, os estudos agora reconhecem que as práticas de letramentos acadêmicos englobam não apenas a escrita, mas também a leitura, a oralidade e a multimodalidade. Isso quer dizer, entre outras coisas, que os acadêmicos não apenas escrevem, mas também leem textos acadêmicos complexos, participam de discussões, orais e escritas, e interagem com diferentes modalidades de texto, como gráficos, vídeos, imagens e apresentações.

Essa compreensão mais abrangente dos estudos de escrita na universidade é crucial. Ela reflete a complexidade das atividades acadêmicas contemporâneas. Os estudantes e pesquisadores não se envolvem apenas em uma única forma de comunicação, mas navegam por múltiplas modalidades para adquirir, compartilhar, transformar, e produzir conhecimento. Portanto, compreender como essas práticas de letramentos se desenvolvem em um contexto social e acadêmico é fundamental para melhorar o ensino e a aprendizagem na educação superior.

Em vista disso, segundo Fiad,

Marinho, M. (2010) apontou que a escrita acadêmica não teria recebido, até aquele momento, a devida atenção por parte de estudiosos brasileiros, diferentemente do que já acontecia em relação ao ensino-aprendizagem da escrita no ensino médio e fundamental. Concordando com Marinho, gostaria de fazer uma reflexão breve entre a relação de estudos brasileiros sobre a escrita escolar e alguns estudos que estão sendo feitos na última década na perspectiva dos Letramentos Acadêmicos. Considero que a grande

quantidade de estudos sobre escrita escolar desenvolvida no Brasil desde a década de 1980, com base em referenciais teóricos advindos dos estudos do texto e do discurso, somados hoje aos estudos dos Letramentos Acadêmicos, nos possibilita pensar, hoje, na escrita acadêmica, a partir do que foi possível construir como críticas, reflexões e propostas durante esses mais de 30 anos de pesquisas. Com isso quero dizer que é possível pensarmos no letramento acadêmico tentando articular concepções teóricas advindas dos Letramentos Acadêmicos com concepções teóricas advindas de estudos do texto e do discurso. Considero essa perspectiva como uma contribuição que os estudos brasileiros podem dar aos estudos da escrita no contexto acadêmico. (Fiad, 2015.p.30)


Novamente a prof. Raquel Salek Fiad reflete sobre a evolução dos estudos sobre escrita acadêmica no contexto brasileiro. Aqui vemos ela referir-se a Marinho (2010), no seu texto “A escrita nas práticas de letramento acadêmico”, no qual a professora Doutora Marildes Marinho apontou, já em 2010, que, até certo ponto, a escrita acadêmica não havia recebido a devida atenção.

Fiad (2015) sugere que houve uma mudança significativa nesse cenário nas últimas décadas. Ela frisa que, desde a década de 1980, houve um considerável número de estudos sobre escrita escolar como um todo no Brasil, fundamentados em referenciais teóricos provenientes dos estudos do texto e do discurso. Além disso, nos últimos anos, os estudos sobre Letramentos Acadêmicos ganharam destaque. Essa combinação de abordagens teóricas oferece, na visão dela, uma oportunidade para pensar a escrita acadêmica de forma mais crítica.

Nesse primeiro capítulo, mostramos a transformação na pesquisa sobre escrita acadêmica ao longo das últimas décadas no mundo e especialmente no Brasil. Além disso, enfatizamos, com o auxílio das autoras, a importância de considerar a escrita acadêmica como um processo, em vez de simplesmente avaliar os resultados ou produtos. Isso reflete uma evolução importante na compreensão da escrita acadêmica, que passou a considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os contextos sociais, culturais e práticos onde a escrita ocorre. Implica em compreender como os estudantes desenvolvem suas escritas acadêmicas ao longo do tempo e em diferentes contextos.

## **2 CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA NA LITERATURA ACADÊMICO-CIENTÍFICA BRASILEIRA: PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS**

os alunos passam



da escrita acadêmica. (Galvão, 2018, p.176)

Como parte da justificativa, ressaltando o impacto social e acadêmico desta pesquisa, elaboramos um estado da arte. Quando fizemos o levantamento inicial, nossa hipótese era de que haveria poucas pesquisas. Contudo, dada a exiguidade (escassez) de material, e considerando nossa leitura de cada trabalho, entendemos que seria importante tornar esse mapeamento em um capítulo. Dessa forma fazemos uma espécie de cartografia das pesquisas similares a nossa e, ao mesmo tempo, já sinalizamos alguns aportes teóricos dos quais nos apropriamos.

Como não queremos partir de uma ou outra concepção e já que não queremos definir um conceito de escrita acadêmica, mas sim problematizar os entendimentos que existem na literatura acadêmico-científica brasileira, isso dificulta um pouco mais o nosso trabalho. Ou seja, não podemos seguir o desenho tradicional de fundamentar conceitos ou autores que depois serão usados ou reaparecerão nas análises. A realidade é que não sabemos o que as análises das constelações nos dirão, aliás, não sabemos quais serão as constelações que emergirão, que serão disparadas. Isso é parte da própria lógica constelativa, que é sistêmica sem ser sistemática. Não sabemos o que aparecerá, mas queremos persistir na busca pelo entendimento.

Como mencionamos na introdução, entendemos que o levantamento inicial trouxe algumas evidências importantes sobre os estudos que trataram das concepções de escrita acadêmica dentro da literatura acadêmico-científica nacional. A partir desse estado da arte tornou-se ainda mais manifesto para nós que, tudo o que diz respeito à escrita acadêmica deixou de ser evidente, tanto em si própria, como no seu papel no âmbito da pesquisa e da produção do conhecimento na educação superior brasileira.

Neste capítulo queremos detalhar esse levantamento, julgando que ele tem um papel importantíssimo. Percebemos que ele pode nos ajudar a contextualizar alguns elementos do nosso tema, evidenciar a lacuna que encontramos e também firmar uma posição sobre a relevância da nossa pesquisa.

Nossa sondagem consistiu em duas etapas principais. Inicialmente, realizamos um levantamento e tratamento dos dados, seguido pela leitura e análise dos três textos selecionados. Posteriormente, houve uma retomada, após a leitura e anotações dos textos, na qual percebemos de forma mais consciente que esses

trabalhos lidam com uma noção de concepção mais próxima do sentido de percepção. De modo geral essas pesquisas visam as percepções dos estudantes e dos professores e não propriamente concepções no sentido de conceituação (Abbagnano, 2007) que é o que buscamos. Essa constatação reforça a relevância da pesquisa, uma vez que não identificamos estudos dedicados a essa investigação específica nas bases de dados consultadas.

Primeiramente, realizamos uma pesquisa na BDTD, SciELO, CT&D e Google acadêmico, em busca de trabalhos que abordassem as concepções de escrita acadêmica. Muitos trabalhos inicialmente identificados não tratavam centralmente do nosso objeto de estudo. Levantamos 45 pesquisas inicialmente. No entanto, entre esses 45 trabalhos, três se destacaram por abordar diretamente as concepções de escrita acadêmica, e esses foram selecionados para leitura e análise aprofundada.

Do meio para o final da leitura do terceiro trabalho, a pesquisa de doutorado da professora Maria Coralina do Carmo, percebemos que, exceto um trabalho documental, praticamente todos eram pesquisas de campo e abordavam as concepções enquanto percepções. Eles investigam as percepções dos estudantes e dos professores, com questionários ou entrevistas. Nenhuma das pesquisas pensou as concepções no sentido de conceituação (Abbagnano, 2007).

## **2.1 Explorando a literatura acadêmico-científica brasileira: Um Mapeamento Inicial das Pesquisas sobre Concepções de Escrita Acadêmica**

É importante ressaltar, já de início, que nem no catálogo de dissertações e teses, nem no SciELO e nem na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, BDTD, encontramos material sobre as concepções de escrita acadêmica, nem com os descritores “concepção de escrita acadêmica”, “concepções de escrita acadêmica”, “noção de escrita acadêmica”, “noções de escrita acadêmica”. Isso evidencia a relevância da temática, dado o reduzido número de estudos que abordam diretamente as concepções de escrita acadêmica.

Contudo, no Google acadêmico, com os descritores: “concepções de escrita acadêmica”, “noção de escrita acadêmica”, “noções de escrita acadêmica”, obtivemos alguns resultados, a saber: “concepção de escrita acadêmica” 14 resultados, “concepções de escrita acadêmica” 16 resultados, “noção de escrita acadêmica” 12 resultados, “noções de escrita acadêmica” 3 resultados.

Como foram poucos materiais levantados, não filtramos o material por outros marcadores, somente marcamos o campo de “pesquisar páginas em português”, mas não restringimos nem por periodicidade, nem os tipos de materiais. Inicialmente, encontramos esses 45 trabalhos, dos quais selecionamos somente 3, para serem lidos e analisados.

Excluimos, com muita pena, quase todos os textos levantados, pois a maioria não tinha as concepções ou noções como tema ou assunto principal. Aliás, a maioria não tinha isso nem como tema colateral, quem dirá central. Embora apareçam os descritores como concepções de escrita acadêmica”, “noção de escrita acadêmica” nesses trabalhos, esse não é o assunto ou o tema dessas pesquisas.

Vale ressaltar que escolhemos ler e representar os trabalhos na ordem em que apareceram no levantamento, seguindo o marcador "relevância" do próprio Google acadêmico. Considerando tudo isso, escolhemos estes 3 trabalhos que apresentamos logo a seguir.

Assim que elaboramos a listagem preliminar, passamos para a fase de leitura fluente. Fomos buscando por meio dos resumos e pela busca por palavras-chave dos próprios PDF's se estas pesquisas tratavam da concepção ou noção de escrita acadêmica como seu tema principal, e excluindo os que não tinham essa característica.

Os três trabalhos selecionados, dois na área do conhecimento<sup>4</sup> de Linguística, Letras e Artes e um na área de Educação, subárea de Psicologia Educacional, proporcionam uma visão abrangente e detalhada de diferentes facetas relacionadas à escrita acadêmica, contribuindo significativamente para contextualizar a pesquisa sobre as concepções de escrita acadêmica. O primeiro texto desse levantamento a ser lido foi um artigo: **“Percepções sobre a escrita acadêmica no contexto de um curso de Licenciatura em Letras-Português”** Ao explorar as concepções de estudantes e docentes de um curso de Licenciatura em Letras-Português, ele oferece uma perspectiva sobre como essa comunidade acadêmica percebe e lida com as práticas de escrita acadêmica. Os resultados do estudo apontaram para um cenário de insegurança por parte dos estudantes em relação a essas práticas. Partindo disso, os autores ressaltam a importância de abordagens pedagógicas que os auxiliem a

---

<sup>4</sup> Conforme o cnpq: <https://lattes.cnpq.br/web/dgp/ciencias-humanas>.

desenvolver suas habilidades de escrita e compreensão da cultura disciplinar acadêmica.

Por outro lado, os docentes demonstram estar comprometidos em encontrar metodologias de ensino que considerem as especificidades dessa cultura, um fator crucial para promover a eficácia da aprendizagem da escrita acadêmica. Eles destacam, ao longo do artigo, a necessidade de atenção às preocupações dos estudantes em relação às práticas de escrita acadêmica. No nosso entender, isso ressalta a importância de estratégias pedagógicas que abordem essas preocupações e promovam a confiança dos estudantes nesse aspecto fundamental de sua formação.

Um dos pontos destacados pelos autores nas suas análises é a insegurança dos estudantes em relação às práticas de escrita acadêmica. Para nós, isso pode ser atribuído, em parte, à falta de familiaridade com os gêneros acadêmicos e às exigências específicas desse contexto. Os estudantes muitas vezes se sentem perdidos ao tentar produzir textos acadêmicos, o que pode afetar sua confiança e desempenho. Nesse sentido, é importante que os professores adotem estratégias que auxiliem os alunos a desenvolver habilidades de escrita acadêmica, como a leitura de textos de estrutura similar e a solicitação de orientação. Outro ponto relevante é a busca por autonomia na produção acadêmica, mas também o possível distanciamento entre docentes e discentes no que se refere às orientações para escrita acadêmica. Os estudantes desejam ter mais autonomia na produção de seus textos, mas, ao mesmo tempo, precisam de orientações claras e apoio dos professores.

É fundamental que os docentes estejam disponíveis para dar diretrizes e feedback construtivo, estabelecendo uma relação de parceria com os alunos. Além disso, destaca-se a importância do letramento digital na compreensão dos gêneros solicitados na comunidade acadêmica. A internet se tornou uma ferramenta essencial para a pesquisa e produção de textos acadêmicos.

Os estudantes utilizam recursos online, como pesquisas na internet e acesso a bibliografias recomendadas pelos professores, para aprimorar suas habilidades de escrita acadêmica. No entanto, é necessário que os alunos desenvolvam um senso crítico em relação às fontes encontradas online, garantindo a qualidade e confiabilidade das informações utilizadas.

Destacamos também a importância de metodologias de ensino da escrita que contemplem as singularidades da cultura disciplinar acadêmica. Cada área do conhecimento possui seus próprios gêneros e práticas de escrita específicas. Os

professores devem estar cientes dessas particularidades e buscar estratégias pedagógicas que preparem os alunos para lidar com os desafios da escrita acadêmica em sua área de estudo.

O estudo também destaca o equilíbrio entre autonomia dos estudantes e orientação dos professores na produção acadêmica, evidenciando a importância desse aspecto na concepção de escrita acadêmica. Outra contribuição relevante é a ênfase no letramento digital para compreender os gêneros acadêmicos, reconhecendo a utilização da internet como recurso comum entre os estudantes.

Entendemos que o estudo realça a importância de metodologias de ensino que atentem para as particularidades da cultura acadêmica de cada área do conhecimento, contribuindo com os professores para orientar os estudantes de maneira mais eficaz na produção de textos acadêmicos.

Na nossa perspectiva, esse estudo enriquece as discussões sobre concepções de escrita acadêmica ao abordar a insegurança dos estudantes, estratégias dos professores, letramento digital e metodologias de ensino. Suas descobertas podem melhorar as práticas pedagógicas e promover uma reflexão aprofundada sobre o desenvolvimento da escrita acadêmica. Ele evidencia a necessidade de promover a confiança e autonomia dos estudantes na escrita acadêmica, estabelecendo uma relação de parceria entre docentes e discentes. Além disso, destaca a importância do letramento digital e da adaptação das metodologias de ensino para atender às demandas da cultura disciplinar acadêmica. Essas são apenas algumas reflexões sobre os pontos abordados neste estudo, mas certamente há muito mais a ser discutido e explorado nesse tema tão relevante.

O segundo artigo, intitulado “Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita”, investiga as concepções de mestrandos após sua participação em uma oficina de produção textual acadêmica.

Do nosso ponto de vista, os resultados desse estudo são particularmente interessantes, especialmente por revelar traços da pedagogia de letramento em gêneros e uma visão social do discurso entre os alunos. Isso sugere que a experiência de ensino oferecida pela oficina está desempenhando um papel importante ao familiarizá-los com a escrita como uma prática social inserida em uma comunidade discursiva.

Contudo, também fica claro que esses estudantes continuam em estágios iniciais de sua integração nessa comunidade, sendo considerados membros periféricos. Portanto, este artigo destaca a necessidade contínua de desenvolver abordagens pedagógicas que facilitem uma transição eficaz para uma participação mais ativa na comunidade discursiva acadêmica.

Este estudo investiga as concepções sobre o ensino-aprendizagem da escrita acadêmica com base nas respostas de um grupo de estudantes de mestrado que participaram de uma oficina sobre escrita acadêmica. A análise revela traços da pedagogia de letramento em gêneros e uma visão social do discurso nas respostas dos alunos.

Os autores reconhecem a escrita acadêmica como uma prática social situada em contextos históricos e culturais específicos. Além disso, os alunos demonstram preocupação com a circulação dos textos na comunidade acadêmica e reconhecem a importância da comunicação escrita como forma de interação. Porém, também é evidenciada uma falta de reflexão crítica sobre o processo de produção textual acadêmica. Os alunos não questionam as convenções dos gêneros acadêmicos nem refletem sobre sua origem e funcionamento. A oficina é considerada pelos alunos como um primeiro passo para a reflexão e a mudança em suas práticas de escrita acadêmica. No entanto, ainda há uma falta de segurança e uma preocupação excessiva com a precisão linguística e a adequação aos modelos.

Diante desses resultados, a pesquisa sugere uma abordagem pedagógica holística e abrangente que adote elementos dos diferentes discursos sobre a escrita acadêmica. Essa abordagem tem em vista integrar as percepções tradicionais, normativas e práticas da linguagem com as concepções sociais e críticas da escrita como prática social.

A pesquisa sugere também a adoção de uma abordagem pedagógica holística e abrangente que integre elementos dos diferentes discursos sobre a escrita acadêmica. Essa abordagem valoriza tanto as formas tradicionais e normativas de pensar a linguagem quanto às percepções sociais e críticas da escrita como prática social.

Essa pesquisa analisa as concepções dos mestrandos sobre o ensino-aprendizagem da escrita acadêmica. Essas concepções são analisadas com base nas respostas a um questionário após a participação dos alunos em uma oficina sobre escrita acadêmica. Os resultados revelam traços da pedagogia de letramento em

gêneros e uma visão social do discurso nas respostas dos alunos. Eles reconhecem a escrita acadêmica como uma prática social situada em contextos históricos e culturais específicos.

Os alunos demonstram preocupação com a circulação dos textos dentro da comunidade acadêmica e reconhecem a importância da comunicação escrita como forma de interação. Eles percebem que os textos acadêmicos são socialmente estruturados, seguindo convenções determinadas pela comunidade em que são produzidos.

A oficina sobre escrita acadêmica é considerada pelos alunos como um primeiro passo para a reflexão e a mudança em suas práticas de escrita. Os próprios alunos reconhecem que a oficina contribuiu para a reflexão sobre a produção textual escrita e para a compreensão do caráter interacional das práticas discursivas. No entanto, os questionários também revelam uma falta de reflexão crítica sobre o processo de produção textual acadêmica. Os alunos não questionam as convenções dos gêneros acadêmicos nem refletem sobre sua origem e funcionamento. A pesquisa destaca essa falta de reflexão crítica dos alunos sobre o processo de produção textual acadêmica, especialmente em relação às convenções dos gêneros acadêmicos e ao papel da norma. Os questionários não mostram sinais de criticidade em relação à forma como os gêneros estão estabelecidos na comunidade acadêmica, como são criados e avaliados.

Os autores também apontam que os alunos continuam no estágio de membros periféricos na comunidade discursiva acadêmica. Eles não se sentem seguros para refletir criticamente sobre o discurso, às práticas e os gêneros aceitos dentro da comunidade acadêmica.

A nosso ver, isso mostra como a participação em oficinas de produção textual acadêmica pode influenciar positivamente as concepções dos alunos sobre a escrita acadêmica. Ao introduzir a pedagogia de letramento em gêneros e uma visão social do discurso, essa abordagem pedagógica ajuda os alunos a compreender a escrita como uma prática social numa comunidade discursiva. Também destaca a necessidade de apoiar os estudantes à medida que transitam para um papel mais central nessa comunidade por meio do fortalecimento de uma autoconsciência crítica desse seu próprio desenvolvimento.

Consideramos que, outra contribuição deste estudo para o campo das concepções de escrita acadêmica reside também na análise das percepções dos

estudantes de mestrado sobre o ensino e aprendizado da escrita acadêmica. Ele revela indícios da abordagem pedagógica baseada no letramento de gêneros e uma perspectiva social do discurso nas concepções dos alunos.

Observamos que os alunos discutem a escrita acadêmica como uma prática social que se desenvolve em contextos históricos e culturais específicos. Eles reconhecem a importância de compreender as convenções e normas da escrita acadêmica, assim como valorizam a circulação dos textos dentro da comunidade acadêmica. Isso evidencia a necessidade de abordar a escrita acadêmica não apenas como uma habilidade técnica, mas sim como uma prática inserida em um contexto social.

Além disso, os próprios autores salientam que os estudantes demonstram pouca reflexão crítica sobre as convenções dos gêneros acadêmicos e não questionam sua origem e funcionamento. Nesse sentido, esta pesquisa examina as concepções dos estudantes de mestrado com relação à escrita acadêmica, enfatizando a importância de considerar a escrita como uma prática social e promover reflexões críticas sobre o processo de produção textual no âmbito acadêmico. Esses dados podem fornecer visões para aprimorar as estratégias de ensino da escrita acadêmica e colaborar com a criação de novas abordagens.

Por fim, chegamos à tese da professora Doutora Maria Coralina Do Carmo, **“Avaliação De Um Programa De Intervenção Na Escrita De Sínteses Para Estudantes Universitários”**. Essa pesquisa se concentra em avaliar o impacto de um programa de intervenção na produção escrita de sínteses para estudantes universitários. Para a autora os resultados são promissores, indicando um aumento significativo em algumas variáveis, como autoeficácia para a escrita e desempenho na escrita, após a intervenção. Esse estudo ressalta a eficácia de programas de intervenção direcionados ao desenvolvimento das habilidades de escrita acadêmica. Além disso, enfatiza a importância da escrita como uma ferramenta fundamental no processo de construção e transformação do conhecimento.

Sob nossa ótica, o aumento na capacidade dos estudantes de levantar e confrontar diferentes pontos de vista, integrando-os para formar conclusões, ilustra vividamente o papel transformador da escrita na educação superior. Portanto, esse trabalho destaca a necessidade de promover tais programas de intervenção como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem na educação superior, a fim

de preparar os estudantes para enfrentar com sucesso os desafios da escrita acadêmica.

A autora queria demonstrar a eficácia de programas de intervenção na melhoria das habilidades de escrita acadêmica dos estudantes. Os resultados enfatizam como a escrita desempenha um papel crucial na transformação do conhecimento, permitindo que os estudantes levantem e confrontem diferentes perspectivas e, finalmente, construam seu próprio entendimento.

Na nossa leitura, isso destaca a importância de investir em programas de intervenção para preparar os estudantes para enfrentar os desafios da escrita acadêmica de maneira mais confiante e competente.

O estudo teve como objetivo avaliar o efeito de um programa de intervenção na produção escrita de sínteses argumentativas para estudantes universitários. Essa pesquisa foi realizada no contexto da educação superior brasileira, com a aplicação de uma oficina que visava promover a escrita de sínteses argumentativas como instrumento para a transformação do conhecimento.

O programa de intervenção consistiu em um workshop com seis encontros presenciais, nos quais os estudantes participantes tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades de escrita argumentativa. Durante esses encontros, foram abordados aspectos práticos do processo de autorregulação da aprendizagem e da escrita. Os resultados do estudo mostraram uma melhoria significativa na autoeficácia para a escrita, concepção da escrita, autorregulação da escrita e desempenho na escrita após a intervenção. Os estudantes participantes conseguiram perceber a instrumentalidade dos procedimentos que cercam a escrita acadêmica de sínteses argumentativas e compreenderam o papel do ato de escrever para seu sucesso acadêmico.

Além disso, os estudantes expressaram satisfação com a participação no programa de intervenção e sugeriram melhorias, como a realização de mais encontros, dinâmicas em sala de aula e feedbacks mais detalhados. O estudo ressalta a importância de considerar não apenas os aspectos motivacionais, mas também as crenças comportamentais e ambientais dos estudantes na autorregulação da escrita.

Segundo a autora, os resultados mostraram uma melhoria significativa na autoeficácia para a escrita, concepção da escrita, autorregulação da escrita e desempenho na escrita após a intervenção. Quer dizer, no entendimento dela, após ter passado por esse processo de compreender um pouco melhor os gêneros,

entender do que se trata, e conhecer estratégias de autoeficácia e automonitoramento, esses estudantes começaram a se perceber melhor enquanto escritores. Passaram a tentar estabelecer melhores estratégias de automonitoramento, autorregulação, melhoraram a sua autopercepção em relação ao seu próprio desempenho. Por isso, no entendimento dela, essa oficina teve impactos positivos.

Pelo nosso prisma, esses três trabalhos contribuem para a compreensão das concepções de escrita acadêmica em diferentes contextos educacionais. Eles abordam tanto a perspectiva dos estudantes quanto a dos docentes, fornecendo uma visão das complexidades envolvidas na promoção da escrita acadêmica eficaz.

Em conjunto, esses trabalhos contribuem para a compreensão da escrita acadêmica como algo crucial na educação superior e destacam a importância contínua de desenvolver estratégias pedagógicas eficazes para promover o sucesso dos estudantes nessa área. Eles fornecem percepções valiosas para educadores e pesquisadores interessados na promoção da escrita acadêmica.

## **2.2 Percepções e Abordagens: as Pesquisas Identificadas e suas Implicações no Estudo das Concepções de Escrita Acadêmica**

No segundo momento, após a análise dos três textos, retomamos o levantamento inicial, pois percebemos que os trabalhos abordaram as concepções, entendendo-as enquanto percepções. Essa constatação, no nosso entender, se tornou uma justificativa crucial para a relevância desta pesquisa. Já que queremos tratar das concepções no sentido de conceituação (Abbagnano, 2007).

Ao retomar os trabalhos do levantamento inicial, inferimos que os trabalhos escolhidos para serem lidos e analisados tinham um ponto em comum, todos tratavam das concepções, entendendo concepções como percepções dos participantes. Esses estudos buscam investigar as percepções de professores e estudantes em relação à escrita acadêmica, geralmente utilizando estratégias como questionários e entrevistas semiestruturadas.

Como exemplo, trazemos a pesquisa de Fernando César dos Santos, **A concepção de trabalho acadêmico de alunas de um curso de pedagogia a distância: um estudo de caso**. 2015, que abordou a “concepção de trabalho acadêmico” e não propriamente de escrita acadêmica; Willian Mainardes Waiga et al.

**A inscrição da subjetividade na escrita acadêmica: análise de TCCs do curso de Letras de uma universidade pública do Paraná.** 2020, que investigou muito mais a concepção de escrita do que a concepção de escrita acadêmica.

No nosso entender há ainda outro ponto. Os trabalhos não aprofundam a discussão das concepções subjacentes às percepções dos seus participantes, professores e estudantes, sobre escrita acadêmica. Em vez disso, eles se limitam a relatar as respostas dos participantes e catalogá-las conforme uma, ou outra abordagem, sem explorar o significado dessas concepções. Não vimos uma preocupação em tentar entender o que significa, do ponto de vista educativo, que um estudante ou um professor entendam a escrita acadêmica desta, ou de outra forma. Isso reforça nosso entendimento da relevância e necessidade acadêmica e social da nossa pesquisa.

Ainda nesse segundo momento do estado da arte, além de retomar cada um dos trabalhos do levantamento inicial, fizemos novas buscas com os descritores “conceito de escrita acadêmica” e “entendimento de escrita acadêmica” e não tivemos resultado em nenhuma das bases consultadas para o levantamento inicial.

Vale ressaltar que, até o momento (21/09/23), não identificamos nenhum estudo dedicado a essa investigação específica. Apesar da busca em diversas bases de dados, não encontramos um trabalho que se dedique às concepções de escrita acadêmica.

Assim sendo, a relevância de preencher essa lacuna reside, analisar e compreender as concepções de escrita acadêmica, especialmente em um contexto em que a escrita é algo vital para a produção de conhecimento nos processos pedagógicos na educação superior.

Também, dado o papel central que a escrita acadêmica desempenha na consolidação do saber científico e na formação de pesquisadores, é preocupante que tão poucas pesquisas estejam voltadas para essa temática. Por fim, a ausência de uma abordagem mais aprofundada que analise as concepções de escrita acadêmica por meio de constelações educativas reforça a urgência e a originalidade desta investigação. Por conta disso, entre outros elementos, nosso estudo se posiciona como uma tentativa não apenas de desbravar essa lacuna como uma oportunidade, mas também queremos oferecer uma nova lente teórica para analisar e discutir as múltiplas dimensões que envolvem a escrita acadêmica.

### 3 CONSTELAÇÕES EDUCATIVAS DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA ACADÊMICA

Em face disso, pensamos que, na escrita acadêmica, quando o sujeito articula e engendra vozes na tessitura do texto, os diferentes discursos são incorporados e, conforme o contexto, pode ocorrer a apropriação dos discursos mobilizados e a projeção de novos sentidos — sem desviar da teoria mobilizada. Esse gesto de lidar com as diferentes vozes deixa sinais de como o graduando, ao mobilizar conceitos, marca um lugar de enunciação que pode se aproximar daquilo que chamaremos de uma “escrita mobilizadora de conhecimento”. (silva, 2023, p. 14-15) (8-SILVA, Diógenes Paulo da. A produção de gêneros acadêmicos de graduandos da UFRN um estudo sobre escrita mobilizadora de conhecimento. Orientador Sulemi Fabiano Campos. 2023. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem))

Neste capítulo, vamos às análises das concepções de escrita acadêmica encontradas no corpus documental. Desejamos lê-las orientados pela constelação adorniana, buscando atinar para o modo pelo qual elas se evidenciam em suas complexidades, sobretudo nas suas constelações educativas.

Já tendo encontrado essas concepções, agora procedemos a uma leitura mais próxima delas, tentados a ouvi-las um pouco mais de perto, mediante uma abordagem crítico-dialética. Procuramos identificar os elementos que estruturam e dão sentido às concepções de escrita acadêmica, explorando suas relações com práticas, saberes e contextos educacionais.

A constelação adorniana é a metodologia de análises. Mobilizamos essa abordagem para poder ler, nessas concepções previamente localizadas, aquilo que as perpassa. O proceder constelativo nos ajudou como orientação analítica, permitindo ver nas concepções, entre outras coisas, elementos subjacentes, a elas, que incluem, mas não se limitam a aspectos ou dimensões que as atravessam, que lhes são latentes, candentes e mais ou menos evidentes.

#### **Zodíaco: um percurso formando o corpus documental**

De modo geral, compusemos um corpus documental com teses e dissertações obtidas em bases de dados brasileiras cujo tema central é a escrita acadêmica. Não estabelecemos nenhum recorte temporal, mas observamos que as pesquisas que compõem o corpus foram publicadas entre 2003 e 2023.

Levantamos pesquisas indexados em bancos de dados acadêmicos relevantes, como:

### **SciELO**

No SciELO, a princípio, somente com o descritor “escrita acadêmica”, entre aspas para buscar especificamente a expressão exata, encontramos 102 trabalhos. Para filtrar, marcamos a coleção Brasil, já que se trata de uma investigação sobre as concepções de escrita acadêmica na literatura acadêmico-científica brasileira. Marcamos também, no campo idioma, “português”, o que nos deu 43 trabalhos. Desses últimos, filtramos os 15 que compõem o corpus para análise, buscando identificar pelos títulos, resumos, e até por consulta nas pesquisas, aquelas que abordavam diretamente o tema da escrita acadêmica.

### **BDTD**

Na **BDTD**, com o descritor “escrita acadêmica”, levantamos 240 trabalhos. Na sequência marcamos o campo assunto, para filtrar a busca nos trabalhos, com a escrita acadêmica como assunto, o que nos levou aos 62 trabalhos. Desses 62 fomos filtrando olhando as dissertações, procuramos observar se a pesquisa era sobre o assunto da escrita acadêmica. Olhamos os resumos e já procuramos com o ctr+f dentro dos pdfs se havia, quantas eram as ocorrências da expressão escrita acadêmica e se alguma já se evidenciava como concepção-possibilidade. Chegamos a 37 pesquisas preliminares, mas já antevíamos que, somente depois do levantamento dos trabalhos nas três bases, poderíamos comparar as listagens para identificar e eliminar possíveis repetições. Por fim, seguindo esse processo chegamos às 33 pesquisas selecionadas.

### **Google Acadêmico**

No Google acadêmico, com o descritor “escrita acadêmica” entre aspas, para identificar mais precisamente a expressão nos trabalhos, localizamos 12.200 itens. Cabe ressaltar que temos mais familiaridade com essa base, pois a usamos frequentemente para pesquisas do dia a dia. Por isso, já sabíamos, de pesquisas

anteriores, que se usássemos o termo entre aspas, ele buscaria exatamente a expressão. Esse entendimento também se mostrou importante para refinar os trabalhos nas outras bases, nas quais os trabalhos diminuíram e se especificaram ao usar o descritor dessa forma específica. Marcamos também o campo “Pesquisar páginas em português”, para restringir um pouco mais a busca, o que reduziu para 11.100 trabalhos.

Inicialmente consideramos filtrar esse volume expressivo de pesquisas marcando o campo “artigos de revisão”, para reduzir a busca aos artigos que tratem do tema, ou que contenham a expressão escrita acadêmica, mas que se caracterizem como pesquisas de revisão. Isso nos levou aos 65 trabalhos desse levantamento preliminar. Contudo, entendendo que isso reduziria muito a variedade e a cobertura da amostragem, desmarcamos esse campo e repensamos a coleta no Google acadêmico.

Testando com “escrita acadêmica” + “a escrita acadêmica”, já caiu de 12.100 para 4.340, o que ainda era muito, apesar de já ter diminuído bastante. Nesse ponto pensamos em colocar também “a escrita acadêmica é”, supondo que seria uma forma de garantir trabalhos que tivessem três vezes a expressão escrita acadêmica, mas de formas diferentes e, em certo sentido, complementares. Experimentamos fazer o levantamento com os descritores: “escrita acadêmica” + “a escrita acadêmica” + “a escrita acadêmica é” o que nos deu “Aproximadamente 395 resultados (0,03 s)”, como mostramos no registro abaixo:

The screenshot shows a Google Scholar search interface. The search bar contains the query: "escrita acadêmica" + "a escrita acadêmica" + "a escrita acadêmica é". The results are displayed as a list of articles. The first article is "O ensaio e a escrita acadêmica" by J. Larrosa, published in 2003. The second article is "Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência/Storytelling, populate the world: academic writing and the feminine in science" by M. Moraes and A. Tsallis, published in 2016. The third article is "A escrita acadêmica: um jogo de forças entre a geração de ideias e a sua concretização" by MGC Pinto, published in 2016. The page also includes filters for "Qualquer tipo", "Artigos de revisão", and "Incluir citações".

Fonte: acervo do autor.

Esses 395 foram os trabalhos do Google Acadêmico em que “entramos”, propriamente. Olhamos os títulos, resumos e, já na primeira filtragem, se havia menções significativas e potencialmente mapeáveis de concepção de escrita acadêmica. Mais objetivamente, como critério de inclusão, já nessa primeira fase, procuramos observar se havia pelo menos uma “escrita acadêmica” evidenciada como uma concepção em potencial para nossa investigação.

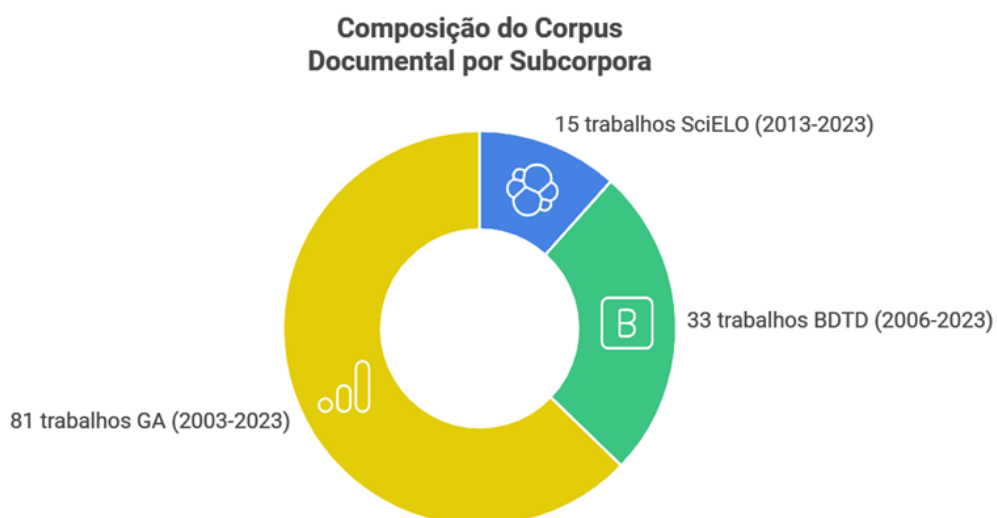
Como essa base tem uma função para exportar listas de pesquisa marcadas ou salvas, fomos salvando essas 395 pesquisas iniciais numa lista intitulada escrita acadêmica, para poder posteriormente exportar como Excel e facilitar o processo de filtragem. Nesse momento preliminar observamos que vários trabalhos não entrariam, pois estavam em língua estrangeira, por serem livros e manuais ou até por serem sobre temas de outras áreas. Contudo, tentamos manter o máximo de pesquisas, visando um bom corpus documental que realmente fosse representativo da literatura acadêmico-científica nacional.

Ainda nessa primeira filtragem, fomos de 395 para 375, depois 270, e finalmente para 92 trabalhos. Posteriormente, quando observamos se havia repetições entre os subcorpora, alguns da BDTD saíram em favor dos que já estavam no SciELO, que foi mapeado primeiro. De modo similar, quando conferimos o SciELO e a BDTD com o Google Acadêmico, saíram mais 7 repetidos, caindo para 85 trabalhos no Google Acadêmico.

Salientamos que somente depois de mapear as concepções, quando conferimos as referências das citações-concepção para montar a coleta para as análises, descobrimos mais 4 trabalhos que precisaram ser retirados. Eram portugueses infiltrados. Tratava-se de pesquisas em Angola e Portugal que se evidenciaram pelo uso da expressão “escrita académica” e pela referência completa na qual mostravam suas origens estrangeiras. Assim sendo, ficamos finalmente com 81 trabalhos do Google Acadêmico.

### **O corpus completo e seus subcorpora**

Desse modo, finalmente construímos um corpus documental formado por 3 subcorpora, mostrado no gráfico abaixo conforme a ordem de consulta 1º SciELO: 2013-2023; (15 trabalhos), 2º BDTD: 2006-2023; (33 trabalhos) e 3º GA: 2003-2023 (81 trabalhos).



Fonte: elaborado pelo autor

Entendemos que a composição final do corpus documental reflete uma diversidade de fontes e períodos, permitindo uma análise ampla e fundamentada das concepções de escrita acadêmica. Cada subcorpora têm contribuições específicas, abrangendo perspectivas históricas, teóricas e práticas. Dessa forma, organizamos um conjunto formado por conjuntos. Essa estruturação detalhada do corpus garante não apenas a relevância dos dados analisados, mas também assegura a representatividade e a coerência com os critérios previamente estabelecidos. Vale lembrar que incluímos uma listagem completa das pesquisas do corpus como apêndices, para facilitar a consulta futura.

Nas 15.938 páginas do corpus documental, composto por 129 pesquisas, mapeamos 486 citações-concepção. Segue abaixo uma nuvem de palavras elaborada a partir do documento com todas as citações-concepção mapeadas, visando evidenciar a incidência dos termos/conceitos e suas constelações e interrelações.



Primeiro localizamos no corpus a expressão escrita acadêmica, e dentre as ocorrências, filtramos aquelas aderentes ou referentes a concepções. Encontramos os pontos em que “a escrita acadêmica é” ou que “a escrita acadêmica exige” entre outras, sempre expressas de maneira bem explícita. Sabemos que esse proceder pode ter reduzido, dentro do nosso corpus, as possibilidades de citações desse tipo, mas entendemos que nesse momento nosso desejo maior é ter um primeiro mapeamento do entendimento de escrita acadêmica desde a literatura acadêmico-científica brasileira. Dado esse primeiro passo, pudemos avançar por outras cartografias de modo mais seguro, incrementando ou melhorando a cobertura e complexidade dessa primeira fase. Foi visando isso que focamos nas concepções.

A título de comparação e para assinalar mais um elemento do processo, no corpus documental a “escrita acadêmica” aparece  $307(\text{SciELO})+1564(\text{BDTD})+2925(\text{GA})=4796$  total. Na coleta, com as citações-conceito e as citações-concepção juntas, ela aparece 2657 vezes. Já entre as 486 citações-concepção a “escrita acadêmica” aparece 749 vezes. Ou seja, de 4796 ocorrências totais no corpus documental, afunilamos para 749.

Entendemos que essa “numerologia” é só para ter alguns elementos de comparação. O simples fato de diminuir ou aumentar o número da expressão não evidencia necessariamente correlação com a consistência das possíveis concepções. Do mesmo modo que inicialmente havia muitos trabalhos que continham a expressão, mas boa parte não tratava propriamente da escrita acadêmica, aqui também são números mais gerais, para podermos ver que do total de menções para coleta das citações tivemos uma diminuição. São sinais do processo de filtragem, mostras de que fomos entrando mais no objeto, circunscrevendo, especificando, vendo-o de modo qualitativo.

### **As estrelas descem à terra: signos nas miríades de luzes**

Inicialmente, trazemos esses aspectos mais quantitativos para mostrar alguns momentos dos percursos metodológicos, mas também para salientar que essa abordagem numérica ou categorial fixa não dá conta da pluralidade e complexidade das concepções de escrita acadêmica que encontramos na literatura acadêmico-científica nacional. No nosso entender, seria errado, epistêmica e eticamente, reduzir ou homogeneizar as diferenças, subsumindo-as sob uma categoria genérica. De certo

modo, seguimos a intuição adorniana de que a síntese pode ir no sentido do escamoteando elementos que, de outra forma, seriam irreconciliáveis. Em vez de classificá-las, queremos explorar as relações entre elas.

A primeira coisa que observamos, analisando as concepções, foi que a precariedade conceitual em torno da escrita acadêmica parece evidenciar ao menos duas coisas: uma fragilidade da discussão e uma banalização invisibilizante. Quer dizer, se falta uma conceituação mais consistente, isso pode se dever a incipiência do estudo sobre escrita acadêmica no Brasil e a uma espécie de invisibilização (ou opacificação iluminante) que, ao reiterar a relevância da escrita acadêmica, também a banaliza cristalizando-a e naturalizando-a em certos clichês e jargões acadêmico-científicos. De modo análogo, raramente se diz que a educação não é importante, mas ao frisar ou insistir na sua importância, os discursos e sujeitos mobilizam conceitos subjacentes, que por sua vez deixam entrever seus pressupostos nem sempre educativos.

Essa opacidade iluminante ou contrastação dinâmica, aparece principalmente nas concepções mais descritivas. Nelas não há um conceito claro, as características elencadas para conceber a escrita acadêmica clareiam certas coisas e borram outras, dificultando compreender seus pressupostos. Cabe ressaltar que essa falta de clareza, ou falta de uma autoconsciência crítica favorece a banalização e instrumentalização dessa vagueza a serviço de pressupostos epistêmico-educativos duvidosos, obscuros ou até anti-educativos. Por exemplo, sob a pecha de que são “as regras da área” ou que “escrita acadêmica exige” é possível estabelecer, manter e agudizar o abuso, assédio, epistemicídio, proselitismo, elitismo, etc.

Podemos observar que a escrita acadêmica tem um papel, digamos, ambíguo em seus vários campos de pertencimento e ação. Ela é retratada como uma prática regulada ou fortemente regulada pelo contexto acadêmico e/ou institucional. Contudo, também é vista como um espaço ou lugar em que as identidades são produzidas mediante a participação em práticas letradas e construções discursivas.

Em vários dos seus âmbitos de pertencimento ou ação ela é vista como um processo de negociação e também como maquinaria do agenciamento de pluralidades, mas, paralelamente, é entendida como adequação a comunidade discursiva e enquanto uma força ao mesmo tempo, de referenciação e de exteriorização do pensamento.

Parafraseando Adorno (2009), o conhecimento da escrita acadêmica em sua constelação é o conhecimento do processo que ela acumula em si. Enquanto constelação, ela circunscreve o conceito que gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem-guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica.

Se, por um lado, queremos com isso somente sinalizar algumas coisas, também desejamos que essa arrumação, embora fragmentária e provisória, mobilize indícios, pistas e vestígios sobre a escrita acadêmica. Se as concepções não são uma fotografia perfeita de um entendimento monolítico da escrita acadêmica, por outro lado, culminando elementos, elas indiciam ideias, imagens, noções, etc., miríades de cestros e nequícias da escrita acadêmica.

Considerando o que Adorno (2009) nos ensina sobre a constelação, podemos entender que ela tem a ver com um modo de pensar no qual os conceitos não são entidades fechadas, mas pedem para ser vistos em suas relações e interações com outros conceitos, formando uma espécie de tecido complexo ou campo de forças que permite capturar aquilo que os conceitos, isoladamente, não conseguem abarcar. Nesse sentido, as concepções de escrita acadêmica podem ser analisadas "constelativamente", buscando entrever as inter-relações e as dimensões ocultas que emergem quando os conceitos se reúnem.

No contexto dessa pesquisa a questão central é: quais as constelações educativas presentes nas concepções de escrita acadêmica da literatura acadêmico-científica brasileira? Delas derivamos outras questões norteadoras: de que maneira essas concepções de escrita acadêmica deixam transparecer seus fundamentos ou refletem aspectos educativos que as permeiam? Quais elementos ou dimensões educativas sustentam essas concepções? E, sob uma perspectiva educativa, o que implica compreender a escrita acadêmica dos modos como delineadas por essas concepções?

Tentando elaborar essas questões, podemos dizer que as concepções de escrita acadêmica constroem constelações educativas em várias dimensões, intrinsecamente ligadas ao processo de formação do subjetivo.

A escrita acadêmica é apresentada como uma prática letrada, essencialmente social e psicossocial, envolvendo negociação contínua entre autores, leitores e instituições acadêmicas. Há uma interconexão entre a escrita e o desenvolvimento

identitário, em que os indivíduos devem negociar suas vozes dentro de contextos de poder e normas culturais que regulam a produção de conhecimento (Miranda, 2019; Daunay, 2020). Nesse contexto ela pode ser um espaço de formação e reconfiguração contínua de sujeitos e saberes, por meio do qual e no qual a escrita não é apenas uma transmissão de conhecimento, mas uma prática de transformação e resistência. Portanto, as constelações educativas aqui são formadas pelas práticas que conectam o sujeito, o saber, e o espaço institucional. Também é vista como um constante processo de negociação entre o autor e os discursos que o antecedem (Miranda, 2019), configurando uma dimensão dialógica. Aqui, o educativo implica aprender a articular e reposicionar as vozes em um contexto de legitimidade científica.

A escrita acadêmica é concebida, na literatura acadêmico-científica nacional, como um meio de produção de conhecimento e como uma prática social e discursiva que permeia todas as dimensões da vida acadêmica, incluindo a formação identitária dos sujeitos que nela estão inseridos. Nesse sentido, ela pode ser entendida como um espaço onde a educação se realiza por meio da articulação de saberes, vozes e experiências.

Os chamados fundamentos da escrita acadêmica, se esgueiram entre as concepções e revelam uma preocupação constante com a negociação de vozes e a construção de um discurso que esteja em diálogo com as tradições científicas preexistentes. Esse processo de negociação é central para a formação acadêmica, pois implica a habilidade de lidar com o "outro", seja ele o autor citado, o leitor ou o avaliador.

Apesar de, nesse interregno, não vemos preocupação com a busca por uma outridade radical -- *adequatio* aqui é a vitória do caráter de tradição do discurso pedagógico sob o potencial crítico e epistêmico da escrita acadêmica-- essa escrita, nesse contexto, não é apenas um produto final de pesquisa, mas uma atividade intelectual que envolve a criação de significados a partir da interação com discursos preexistentes, legitimados pela comunidade científica.

Esse caráter dialógico revela que a escrita acadêmica é permeada por uma tensão entre as regras normativas da cultura acadêmica e a necessidade de o sujeito escritor encontrar sua própria voz dentro desse espaço altamente regulado. A escrita, portanto, torna-se um ato educativo não apenas no sentido técnico, de ensinar a organizar ideias e argumentos, mas também no sentido mais profundo, de formar

sujeitos críticos capazes de posicionar-se diante das múltiplas vozes que compõem o discurso acadêmico.

A educação, aqui, ocorre tanto na dimensão formal, ao aprender a seguir as normas e convenções da escrita acadêmica, quanto na dimensão subjetiva, na qual o sujeito experiencia e elabora o negociar da sua subjetividade em devir por meio da formatividade que essa escrita engendra e possibilita. Esse sujeito maneja suas identidades e seu lugar de fala dentro de um campo de poder que marca o ambiente universitário. Há um processo de construção identitária, no qual os sujeitos não apenas reproduzem o que aprenderam, mas articulam discursos para contribuir no avanço do conhecimento e para a consolidação de suas próprias posições acadêmicas.

Ainda nesse sentido, entender que a escrita acadêmica é uma prática que envolve o "outro" — as vozes já legitimadas e os discursos preexistentes — evidencia uma dimensão educativa em que a formação ocorre por meio da apropriação crítica de saberes. Ao citar, parafrasear ou fazer alusão a outros discursos, o escritor não está apenas reiterando ideias, mas reconfigurando-as de maneira a construir novas possibilidades de sentido. A escrita acadêmica é estruturante e criativa. Além de uma prática discursiva, é também uma prática educativa que forma o sujeito por meio do diálogo com o conhecimento preexistente, e isso implica uma transformação contínua do próprio autor.

Pensar a escrita acadêmica como delineada por essas concepções, do ponto de vista educativo, significa reconhecer que o processo de aprendizagem vai além da mera reprodução de normas científicas. Essa escrita é um espaço de experimentação, um campo de ação no qual o sujeito pode tanto reproduzir quanto subverter as convenções acadêmicas, desde que a educação seja compreendida não como um processo unidirecional de transmissão de conhecimento, mas como uma prática dialógica e transformadora (Freire, 2014), em cuja prática o sujeito se engaja ativamente na produção de novos saberes enquanto também se transforma.

Desse modo, a escrita acadêmica torna-se um lugar onde se articulam os aspectos normativos do saber científico com as subjetividades dos escritores. Os elementos educacionais que subjazem a essas concepções, como a negociação de vozes, a construção identitária e a heterogeneidade discursiva, apontam para uma educação que é, acima de tudo, formativa e transformadora, tanto para o campo acadêmico quanto para o sujeito que escreve. Ela configura-se, portanto, como uma

prática que não apenas molda o conhecimento, mas também os sujeitos que o produzem.

A prática da escrita acadêmica no contexto acadêmico brasileiro é uma atividade profundamente educativa, não apenas no sentido de transmitir informações ou produzir textos formais, mas na formação contínua e complexa do sujeito. A partir das concepções coletadas, como as apresentadas por Brambila (2023) e Cruz (2023), a escrita acadêmica é vista como um espaço de descoberta intelectual e construção de sentido. Para Brambila, a escrita acadêmica requer um olhar crítico sobre as práticas letradas na universidade, destacando a necessidade de repensar a maneira como a produção acadêmica tem sido concebida e praticada. A ideia de uma "prática letrada primordial" sugere que o ato de escrever não é apenas instrumental, mas constitutivo do saber, atrelando o sujeito em uma relação dialética com o conhecimento.

Essa visão ressoa com a de Cruz (2023), que trata a escrita acadêmica como um "[...] meio de descoberta intelectual e não apenas uma representação do pensamento [...]" uma prática que envolve não apenas a transmissão de conteúdo, mas a criação ativa de saberes. O sujeito, nesse escrever, segundo Cruz, está em constante interação com o universo das ideias, num processo que transforma tanto o autor quanto o conhecimento produzido. Dessa forma, a prática educativa que subjaz à escrita acadêmica não é de simples submissão às normas acadêmicas, mas uma atividade formativa em que o sujeito negocia suas posições discursivas e identitárias dentro de um contexto acadêmico regulado.

Outro aspecto importante que surge dessa análise é a questão da heterogeneidade discursiva, articulada por autores como Miranda (2019), que destaca que a escrita acadêmica é marcada pela presença do "outro" e pela constante articulação de vozes que configuram o discurso científico. Para Miranda, a escrita acadêmica envolve um processo contínuo de diálogo e negociação com outros discursos, sejam eles explícitos ou implícitos, e isso configura um processo educativo que transcende a simples absorção de informações. A presença de múltiplas vozes e a necessidade de negociar esses discursos dentro da prática escrita apontam para uma concepção de educação que é radicalmente dialógica, na qual o sujeito elabora o conhecimento na medida em que constrói sentidos na interação com saberes alheios. Esse movimento de "articulação de vozes" revela o caráter educativo da escrita como um espaço de encontro e confronto de saberes.

A concepção de escrita como negociação também é explorada por autores como Oliveira (2022), que afirma que a escrita acadêmica é um processo de negociação contínua entre autor, leitores e os avaliadores institucionais. Essa ideia de negociação remete à dimensão educativa da escrita, na qual o sujeito escritor precisa constantemente ajustar sua voz, suas estratégias discursivas e suas referências para ser aceito e legitimado pela comunidade científica. A escrita, nesse sentido, torna-se um espaço de aprendizado sobre as dinâmicas de poder e autoridade que estruturam o campo acadêmico. Aqui, a educação aparece como uma prática de resistência e adaptação, em que o sujeito precisa aprender a se posicionar estratégica e criticamente dentro das estruturas de poder que regulam o que pode ou não ser dito e como deve ser dito na produção acadêmica.

A concepção de escrita como "gênero nômade" trazida por Ó (2021) também contribui para a compreensão de uma dimensão educativa plural e fluida nas práticas acadêmicas. Segundo essa visão, ela é um lugar de movimento, de transformação constante, no qual os discursos circulam, se cruzam e se desdobram em novas formas, ela é "uma grande máquina de agenciamento da pluralidade". Essa fluidez coloca o ato de escrever como um processo educativo contínuo, no qual o sujeito está sempre em trânsito entre múltiplos saberes, nunca fixado em uma única perspectiva. A ideia de que a escrita acadêmica é um "gênero nômade" também reforça o caráter experimental e criativo da educação acadêmica, na qual o conhecimento é constantemente refeito e reconfigurado.

Emerge também nessas constelações a dimensão política e institucional da escrita acadêmica, abordada por autores como Ferreira (2022). A escrita acadêmica, segundo Ferreira, está profundamente imbricada com os interesses do Estado e das instituições acadêmicas, que moldam o que é legitimado como conhecimento e como ele deve ser produzido. Reconhecer que a prática escrita é atravessada por questões de poder e colonialidade, significa também entender que a educação torna-se um espaço para a contestação e resistência às formas hegemônicas de produção e legitimação de saberes. Ferreira articula a escrita acadêmica como uma prática que pode subverter estruturas de exclusão, destacando a importância de legitimar outras formas de produção de conhecimento, como vídeos ou a produção em línguas indígenas.

Cabe ressaltar que, como nos ensina Adorno, "Quanto mais desmedido é o poder das formas institucionais, tanto mais caótica é a vida que elas impõem e

deformam segundo sua imagem.” (Adorno,2009, p.61). A contestação dessas estruturas não é apenas uma questão de inclusão de novos formatos ou perspectivas, mas também de subversão das próprias normas institucionais que as deformam. Embora as regras tenham a "intenção" de organizar o texto, escrever focando exclusivamente nelas pode desmotivar, desestabilizar e interromper o processo de aprendizado e desenvolvimento.

Esse entendimento de Ferreira (2022) também perpassa outras concepções, o que evidencia uma dimensão educativa crítica, na qual a escrita acadêmica é vista como um espaço de controle e regulação, mas também de resistência e subversão.

Nesse sentido, a escrita acadêmica, revela-se no seu devir como um campo educativo multifacetado, que pode envolver e mobilizar tanto a normalização quanto a subversão, a negociação e a criatividade, o rigor e a experimentação. É uma prática que pode formar sujeitos críticos se está em constante diálogo com as forças sociais e culturais que a atravessam. Uma prática situada que demanda de si própria uma autoconsciência crítica das suas próprias condições materiais e subjetivas. O sujeito que escreve é, ao mesmo tempo, formado por essas relações e transformador delas (*mimesis e poiesis*), tornando a escrita acadêmica um ato de criação de si e do mundo. A educação, nesse caso, não é processo de transmissão ou mera reprodução de informações, mas como uma prática viva, dinâmica e profundamente enraizada nas relações de poder, identidade e resistência que engendram o conhecimento.

Conforme avançamos, observamos que a escrita acadêmica está imersa em uma série de relações de poder, identidade e subjetividade, que moldam e modelam o conhecimento produzido e os sujeitos que o produzem. Essa imbricação entre sujeito, saber e instituição é recorrente em várias das concepções, como a de Cruz (2023), que afirma a escrita acadêmica não é apenas uma representação do pensamento, mas um meio de descoberta e artesanato intelectual. A metáfora do "artesanato" coloca a escrita em um campo educacional no qual a criatividade, o engajamento pessoal e o rigor teórico se entrelaçam.

No entanto, esse processo criativo está longe de ser livre de tensões. O caráter regulatório da escrita acadêmica, evidenciado por autores como Fonseca (2019), sugere que o discurso científico é profundamente marcado por normas institucionais que controlam e regulam o que pode ser dito.

Baseando-se em categorias foucaultianas como comentário, autor e disciplina, Fonseca afirma que a escrita acadêmica é controlada por “*procedimentos*

*de regulação interna do discurso*”. Esse controle aponta para uma dimensão educativa, digamos, mais ampla, que vai além da formação intelectual do sujeito, operando nos processos de subjetivação das relações de poder e implicando também sua sujeição a certas estruturas de poder que, muitas vezes, operam de maneira invisível, e por isso mesmo mais perversas.

A partir dessa concepção, inclusive, a professora Janaína Zaidan Bicalho Fonseca –na sua pesquisa *Universidade e produção de conhecimento na formação inicial uma estratégia didática para o ensino da escrita acadêmica* -- menciona Foucault nesse mesmo parágrafo da sua concepção, em que podemos dizer que a “educatividade” mobilizada por meio do constelativo nos sinaliza que a escrita acadêmica, e por categoria a educação, é também um espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, a partir e em torno da disputa pelo domínio dos sujeitos. A educação, nesse contexto, pode ser vista no que têm de processo de formação (a)crítica e também de espaço de disciplinamento, no qual os sujeitos aprendem, entre outras coisas, a se conformar às normas discursivas impostas pela academia. Não é novidade nem exagero dizer que a academia condiciona os corpos e as mentes dos estudantes, moldando comportamentos e estilos de escrita considerados corretos e convencionados. Enquanto instituição total, apresenta traços que remetem à perspectiva foucaultiana, operando como um espaço de normalização e controle.

Ainda nessa região estelar, mas um pouco mais lateralmente, a ideia de que a escrita acadêmica envolve uma negociação contínua entre o sujeito e as estruturas de poder que moldam a academia é também abordada por Oliveira (2022). Ele destaca a prática da escrita como um processo de negociação, ou seja, disputa ético-política, com autores, leitores e instituições. Essa concepção ressalta a complexidade da escrita acadêmica como um ato de posicionamento, no qual o sujeito busca legitimidade e reconhecimento dos pares conforme tenta descobrir, formular e inserir sua própria voz em um campo muitas vezes saturado por “discursos consagrados”.

Oliveira (2022) nos lembra que *“negociamos com as autoras e autores que sustentam nosso discurso, negociamos com as leitoras e leitores, negociamos conosco”*, o que evidencia como a prática da escrita é, em si, um ato educativo de aprendizagem sobre a dinâmica do poder, da autoridade e da voz. Entender a escrita acadêmica dessa forma é refletir sobre os elementos educativos que subjazem a essas práticas.

A concepção de Miranda (2019) apresenta a escrita acadêmica como um espaço de articulação de vozes, reforçando a ideia de que o educativo na escrita acadêmica ocorre na interação constante com discursos já legitimados quando sua articulação permite a criação de novos significados. Isso significa que os discursos antecedentes são incorporados por meio de uma teia de identificações, inferências e associações, em que, no seu desenvolvimento, ocorre um processo epistêmico-educativo no decorrer do escrever dessa escrita acadêmica.

Para Miranda (2019), o processo de articulação de vozes envolve um diálogo profundo com outros textos e autores, evidenciando a complexidade da escrita acadêmica como um ato educacional composicional que vai além da simples transmissão de informações. Para ela, *“A escrita acadêmica é múltipla, porque é calcada pela presença do outro; há regras que precisam ser respeitadas, como formas de inserção do outro na escrita”*. Isso sugere que o sujeito, ao escrever, não apenas reitera conhecimentos prévios, mas cria novas formas de articular o saber, negociando continuamente seu lugar de fala e legitimidade. A interligação dos discursos possibilita a inovação e criação, não só de argumentos válidos, como também de processos educativos que primam pela troca.

A escrita acadêmica surge aqui como um espaço que pode privilegiar a alteridade. Um campo marcado pela presença do outro, que não é apenas um espectador passivo, mas uma voz que participa e tensiona a urdidura do discurso. A multiplicidade da escrita acadêmica aqui não se refere apenas a uma variedade de estilos ou abordagens; ela é ontologicamente múltipla porque implica a presença constante de um "outro" que interpela, questiona e exige. Esse "outro" atua como o princípio negativo-dialético do não-idêntico que desafia o sujeito-escrevente no decorrer do escrever da escrita acadêmica. Ao colocar-se no ato de escrever, o sujeito engendra novas articulações-possibilidades nesse horizonte de eventos. Chocando-se com os seus próprios limites, esse escrever ultrapassa a si mesmo.

Se essa lógica está correta, a escrita acadêmica ultrapassa a simples exteriorização de ideias; ela se torna um ato de comprometimento radical com a alteridade, uma prática na qual o "eu" se articula com o "outro". A presença do outro na escrita desvela, portanto, uma dimensão ético-educativa na qual o sujeito é instado a visitar, redescrever e, em última instância, a reelaborar seu próprio entendimento. A escrita acadêmica, ao abrir-se para o outro, ao dialogar com ele, pode ser um

exercício contínuo de transformação e formação crítica, revelando a alteridade como seu núcleo estruturante.

Essa negociação com o “outro” também pode ser vista em autores como Ninin (2015), que aponta para a assimetria nas relações de poder entre o aluno-autor e a comunidade acadêmica, o que muitas vezes neutraliza ou apaga a subjetividade do escritor iniciante. Ninin afirma que a escrita acadêmica muitas vezes força os sujeitos a ocultarem sua própria voz em nome de uma impessoalidade que se alinha com as expectativas da comunidade acadêmica. Esse apagamento, porém, não precisa ser um mero conformismo, mas pode ser parte de um processo formativo no qual quem escreve aprende a lidar com a tensão entre expressar-se e lidar com às normas: *“Na escrita acadêmica, as relações, nem sempre simétricas, acabam por neutralizar ou até mesmo apagar a personalidade do aluno-autor”*. A educação, portanto, é também um aprendizado sobre como navegar essas assimetrias e encontrar formas de manter alguma subjetividade enquanto se barganha com e resiste aos padrões acadêmicos.

Contudo, simultaneamente, outras concepções apontam para a possibilidade de resistência dentro desse espaço regulado. Ferreira (2022) explora a escrita acadêmica como um espaço de insurgência contra a colonialidade do saber, questionando a hegemonia das formas tradicionais de produção de conhecimento que excluem práticas não hegemônicas. Ferreira afirma que *“a escrita acadêmica pode subverter estruturas de exclusão”*, destacando a possibilidade de resistência ao se legitimar formas de conhecimento tradicionalmente marginalizadas pela academia ocidental, como produções em vídeos, libras, ou em línguas indígenas. De certa forma, isso amplia a compreensão da educação como um processo que não apenas forma sujeitos dentro de um campo regulado, mas também permite a contestação dessas regras, abrindo espaço para novas formas de expressão e saber enquanto fomenta a autonomia destes sujeitos.

As concepções de escrita acadêmica evidenciam que ela oscila entre a conformidade às normas e a possibilidade de subversão. A escrita acadêmica emerge como um campo de tensões, no qual o sujeito é formado tanto pelo engajamento criativo com o conhecimento, na reelaboração dos conteúdos e nas inferências que vai desenvolvendo no decorrer da leitura e escrita, quanto pela necessidade de negociar constantemente com as estruturas de poder que regulam esse campo.

Será que a educação na escrita acadêmica, ou pelo menos desde essas concepções que mapeamos, é tanto um aprendizado técnico como um processo

formativo complexo que envolve a subjetividade, a identidade, a “negociação” de vozes e saberes? O sujeito que escreve é condicionado nessa contingência e, simultaneamente, retira dela elementos de condições potenciais para transformá-las conforme se transforma a si próprio, tornando a escrita acadêmica um espaço de profunda interação educativa, criativa e (auto)crítica?

Parece evidente que a prática de escrever na academia está prenhe do processo formativo dos sujeitos, que se moldam e transformam por meio dessa atividade. A concepção de que a escrita acadêmica não é uma prática neutra, mas sim carregada de poder, identidade e negociações, aparece fortemente nas falas de autores como Cruz (2023) e Ferreira (2022). Cruz destaca que a escrita pode ser compreendida como um “*trabalho artesanal*”, no qual o sujeito organiza e expressa ideias e as elabora em um processo que envolve criação, transformação e diálogo com e no saber, ou seja, dialogicidade na própria experiência do conhecimento.

A metáfora do artesanato enfatiza a natureza processual e manual da escrita, sugerindo que o aprendizado que se dá por meio dela é tanto técnico quanto existencial. A identidade acadêmica do escritor não é composta só de cabeça ou de mente, mas de uma manualidade, uma presença do corpo que se envolve na relação como o objeto que perlabora.

No entanto, esse processo de formação ocorre sob a sombra de estruturas de poder. Ferreira (2022) traz a questão da colonialidade para a escrita acadêmica, sublinhando como a prática acadêmica hegemônica reflete as lógicas de exclusão e hierarquização de saberes, que privilegiam a escrita formal e disciplinada em detrimento de outras formas de expressão e produção de conhecimento, como vídeos ou narrativas orais.

A visão de Ferreira desencava uma educação que, na escrita acadêmica, vai além do domínio, digamos, meramente técnico da escrita para incluir uma dimensão subjetiva, política e emancipatória. A escrita, nesse sentido, torna-se um campo de resistência, no qual o sujeito pode desafiar as normas institucionais e epistemológicas que estruturam a academia, promovendo práticas insurgentes que dão espaço a vozes marginalizadas. Ela sugere que a escrita acadêmica pode ser uma oportunidade de contestar e subverter a colonialidade do saber, legitimando outras formas de conhecimento e produção intelectual.

Esses conceitos de poder e resistência encontram um eco importante nas concepções de Miranda (2019), que enxerga a escrita acadêmica como um espaço

de “*articulação de vozes*”. Para Miranda, a escrita acadêmica não é um ato isolado, mas sim um encontro constante com o “outro” — com os discursos e as vozes de outros autores que, por sua vez, moldam e desafiam o sujeito escritor. A ideia de articulação de vozes sugere que o processo educativo da escrita é, na maioria, um exercício de negociação e interação com múltiplos discursos. Isso implica que o sujeito que escreve na academia participa de uma dinâmica contínua de diálogo e contestação, na qual e por meio da qual a educação acontece conforme quem aprende ensaia e exercita situar sua voz nesse campo. Miranda ressalta que a “*presença do outro*” na escrita acadêmica é inescapável, e o escritor precisa aprender a lidar com essa tensão entre o que ele quer dizer e o que já foi dito. Esse aprendizado, essencialmente formativo, molda a identidade do sujeito acadêmico, que deve encontrar formas de se posicionar e ser reconhecido dentro de um campo de saber já amplamente estruturado.

A escrita acadêmica, portanto, é apresentada como um processo educativo em camadas: a medida em que forma o sujeito em termos técnicos e discursivos, ela também o desafia a se posicionar criticamente dentro de um campo de saber altamente regulado. Essa tensão é visível nas discussões sobre o uso de *modalizações* e o papel da *voz do autor* na escrita científica, como trazido por Ninin (2015). Ninin discute como a escrita acadêmica muitas vezes exige do sujeito que ele apague sua própria voz para alinhar-se com as convenções impessoais do discurso científico.

Ainda nessa concepção ela diz

[...] é por meio da escrita acadêmica que os posicionamentos de um pós-graduando são construídos e essa construção exige uma competência do autor para envolver-se com discursos especializados, requerendo modos muito específicos de selecionar, avaliar, relatar e argumentar sobre o discurso produzido em uma dada comunidade discursiva. (Ninin, 2015, p.598)

Ninin (2015) ressalta a complexidade inerente à escrita acadêmica como um processo formativo que ultrapassa o domínio técnico, envolvendo também questões de identidade e posicionamento crítico dentro de um campo altamente regulado. O apagamento da voz autoral, como destacado por Ninin, evidencia um paradoxo: ao mesmo tempo em que o sujeito deve adotar uma postura de autoria para ser reconhecido como autor, ele frequentemente precisa se moldar às normas impessoais que privilegiam a “objetividade” e minimizam a subjetividade. Esse dilema reflete a tensão entre aprendizado e conformação, tornando a escrita acadêmica um entre-

lugar, entre afirmar-se como autor e aderir às convenções de uma comunidade científica.

A escrita, nesse contexto, envolve uma decisão de conformidade às regras do ambiente acadêmico, o que também carrega uma dimensão política. O autor, ao adaptar-se, utiliza estratégias que podem ser interpretadas como formas de resistência, permitindo-lhe continuar operando nesses espaços. Contudo, essa "decisão" pode ser, na verdade, apenas uma ilusão de controle e resistência. Na prática, o processo frequentemente resulta no aparamento de arestas, no corte de asas e na supressão de potenciais criativos e críticos, limitando a expressão plena do autor.

A dimensão educativa da escrita acadêmica também está profundamente conectada ao modo como ela é instrumentalizada pelas instituições. Da Silva Rodrigues (2012) explora como o *letramento acadêmico* é uma prática social inserida num contexto institucional que influencia diretamente a produção textual dos estudantes. Ao afirmar que a escrita acadêmica é uma prática atravessada por relações de poder e autoridade, ela sugere que a formação acadêmica não ocorre em um vácuo, mas em um ambiente permeado por pressões institucionais que moldam o que é considerado conhecimento válido. A educação superior, portanto, não pode ser dissociada das dinâmicas de poder econômico-políticas que regulam o acesso à própria universidade.

Analisar essa escrita acadêmica, sinalizada por alguns autores nesse sentido que Da Silva Rodrigues (2012) aponta, nos permite ver que a educação superior, longe de ser uma atividade puramente intelectual, é uma prática que envolve relações de poder. É um fazer no qual o sujeito aprende não apenas a escrever, mas a situar-se politicamente dentro de um campo acadêmico que valoriza certos tipos de saberes em detrimento de outros.

Os professores se encontram hoje sob a intolerável pressão de mediar a subjetividade pós-letrada do consumidor no capitalismo tardio e as demandas do regime disciplinar (passar nos exames e coisas do tipo). Nesse sentido, longe de ser algo como uma torre de marfim a salvo do "mundo real", a educação é a sala de máquinas da reprodução da realidade social, onde se confrontam diretamente as inconsistências do campo social capitalista. Os professores estão presos na armadilha de serem ao mesmo tempo facilitadores/animadores de palco e autoritários/disciplinadores. Nós professores queremos ajudar os alunos a passarem nas provas; os alunos querem que sejamos figuras de autoridade que digam a eles o que fazer. Professores sendo interpelados por estudantes como figuras de autoridade exacerba o problema do "tédio" – qualquer coisa que vem de um lugar de autoridade não é a priori entediante? Ironicamente, o papel do disciplinador é

exigido do educador mais do que nunca, exatamente no momento em que a estrutura disciplinar está ruindo dentro das instituições. Com famílias espremidas sob a pressão de um capitalismo que exige que ambos os pais trabalhem por dinheiro, os professores estão sendo cada vez mais pressionados a ocupar esse papel, propondo os protocolos de conduta mais básicos para os estudantes e provendo apoio emocional e pastoral aos adolescentes que, em alguns casos, são minimamente socializados. (Fischer, 2020, p.167)

Corroborando essa discussão, Fisher destaca que a educação superior, longe de ser um espaço neutro ou isolado do “mundo real”, é, na verdade, o local em que as contradições do capitalismo tardio se manifestam de forma mais aguda. Isso dialoga diretamente com as observações de Da Silva Rodrigues (2012) sobre o letramento acadêmico como uma prática social imersa em dinâmicas institucionais e relações de poder. Assim, a escrita acadêmica torna-se uma habilidade técnica e, paralelamente, um terreno de disputa política e ideológica, no qual os sujeitos aprendem a elaborar a experiência do conhecimento conforme situam-se numa estrutura que valida certos saberes enquanto exclui outros.

O papel do professor, conforme descrito por Fisher, reforça essa complexidade, pois os educadores estão presos entre demandas contraditórias: facilitar o aprendizado de forma acessível e "engajante" enquanto continuam a desempenhar o papel de disciplinadores que garantem a obediência a normas e estruturas institucionais. Essa ambiguidade reflete o conflito mais amplo da educação enquanto “sala de máquinas da reprodução da realidade social.” No contexto da escrita acadêmica, isso se traduz em uma tensão entre incentivar a criatividade e a autonomia do aluno e, ao mesmo tempo, moldá-lo para atender às expectativas regulatórias, normativas e densamente estratificadas de uma academia que privilegia a produtividade e a adequação ao “mercado”.

A ideia de que o professor está sendo cada vez mais demandado para preencher lacunas deixadas por outras instituições, como a família, ressoa profundamente no campo acadêmico. Nesse âmbito em particular, a escrita não é uma mera prática escolar-pedagógica, mas também um espaço de formação identitária, social e epistêmica. Essa pressão institucional cria um ambiente que pode sufocar o potencial transformador da escrita e reforçar a reprodução de estruturas hegemônicas, um ponto que Fisher e Da Silva Rodrigues convergem ao expor os limites e as contradições do sistema educacional dentro do capitalismo tardio.

Nesse contexto, a escrita acadêmica também aparece como um espaço de desenvolvimento de agência. Silva (2014), ao discutir o papel do *metadiscorso* na produção acadêmica, argumenta que a escrita é um poderoso veículo para a construção da identidade acadêmica do sujeito. O metadiscorso permite que o autor não apenas organize seu argumento, mas também construa sua própria posição dentro de sua comunidade discursiva. Isso revela uma dimensão educativa em que a escrita se torna uma prática de agência. Por meio dela o sujeito aprende a moldar sua voz e a se engajar com outros autores de forma crítica e produtiva. Silva afirma que a escrita acadêmica envolve diálogos interpessoais essenciais para a persuasão no campo científico, sugerindo que a escrita é ambos: um exercício de conformidade às normas e uma oportunidade para o autor se destacar e afirmar sua própria identidade acadêmica.

No entender dela,

[...] pensemos na escrita como um veículo linguístico, no qual operadores argumentativos agem a todo o momento para que se produza um efeito de verdade, levando o escritor a imaginar o perfil de quem está lendo e a tomar o cuidado em criar estratégias. (Silva,2014, p.31)

Silva (2014) traz à tona a dimensão estratégica e comunicativa da escrita, especialmente no contexto acadêmico. Ao apresentar a escrita como um "veículo linguístico" que opera para produzir um "efeito de verdade," a autora enfatiza que escrever não é apenas um ato de expressão, mas também de construção de sentido em interação com um leitor projetado. Esse processo envolve um exercício constante de argumentação no qual, quem escreve, consciente ou inconscientemente, imagina o perfil do leitor e busca alinhar-se a ele por meio de estratégias discursivas.

No campo da escrita acadêmica, isso significa que o ato de escrever não se resume a transmitir informações ou defender uma ideia, mas envolve também o planejamento cuidadoso de como essa mensagem será recebida. Isso exige do autor não apenas um domínio técnico, mas também uma sensibilidade interpretativa e criativa para construir textos que sejam persuasivos e coerentes com as expectativas da comunidade discursiva à qual ele se dirige.

Contudo, essa construção de estratégias pode também evidenciar as relações de poder e os mecanismos de exclusão presentes no ambiente acadêmico. Ao "imaginar o perfil de quem está lendo," quem escreve pode se ver condicionado a alinhar sua escrita a padrões já legitimados, restringindo a possibilidade de explorar

formas alternativas de produção de conhecimento. Ela não segue, digamos, seu próprio movimento, mas fica tentando adivinhar um leitor e suas intenções. O seu devir é preterido em favor de uma prescritividade própria do discurso pedagógico-acadêmico. Cabe ressaltar, seguindo nessa lógica, que praticamente toda nossa escrita acadêmica é endereçada a um avaliador, seja ele o professor de uma disciplina, orientador e/ou os avaliadores cegos dos periódicos científicos. Com isso, nossa experiência de endereçamento da escrita acadêmica é quase que toda ela perpassada por uma forte angústia em relação a esse suposto leitor-avaliador.

A partir dessas concepções, podemos dizer que a escrita acadêmica é um processo formativo multifacetado, que vai muito além da mera produção de textos para avaliação ou publicação. Ela é um campo de negociações complexas entre o sujeito, o saber e as estruturas de poder que configuram o ambiente acadêmico. O sujeito que escreve está em constante diálogo com outros discursos, mas também com as normas institucionais, explícitas e tácitas, e as dinâmicas de poder que regulam o que pode ou não ser dito. Ao mesmo tempo, a escrita acadêmica oferece a possibilidade de resistência, contestação e criação, permitindo que o sujeito crie novos significados e desafie as estruturas hegemônicas.

Sustentando essa linha de raciocínio, outra concepção que podemos trazer para essa constelação é a de *Veiga (2015)*, que descreve a escrita acadêmica como um processo criativo, rizomático e afásico, que escapa às armadilhas de uma escrita estéril e controladora. Aqui, *Veiga* sugere que a escrita acadêmica, quando tratada apenas como um produto final, perde suas dimensões mais intensas e criativas, aquelas que o conceito de escrita formal tende a amputar. A constelação que ela propõe, em diálogo com a metáfora adorniana, busca revelar outra face da escrita acadêmica, uma que abrange o corpo, a experiência e as artes manuais: *“Escrita que se converte, ela mesma, em um exercício afásico e rizomático de escrita”* (*Veiga, 2015, p. 316*). Essa visão nos permite entender a escrita acadêmica como um fluxo de experiências e intensidades que resiste à totalidade apriorística conceitual imposta pelas normas acadêmicas. Há uma presença muito grande aqui da ideia de corporalidade, de fala no sentido de voz ensaiante, entrecortada, muitas vezes fragmentária.

Em outro ponto da constelação, *Melo (2013)* explora a dificuldade que os alunos-mestrandos enfrentam ao lidar com a literatura de referência em seus relatórios de estágio, destacando a fronteira tênue entre a escrita reflexiva e a escrita

acadêmica formal. Para Melo, os alunos têm dificuldade em parafrasear, criticar e interpretar com suas próprias palavras as ideias extraídas da literatura, pois estão confinados por uma concepção de escrita que privilegia a repetição e a transposição direta do discurso. É o famoso copia e cola, a decoreba.

Sendo expostos quase que unicamente a esse modelo, digamos, bancário de relação com a escrita e com uma negligência quase que completa a sua própria experiência do conhecimento, quando são apresentados a demanda do pensar criticamente, pensar por-si-próprio eles “travam”. Esse conflito reflete aquilo que Adorno (2009) descreve como o limite do conceito: a escrita, ao ser circunscrita por normas rígidas, se fecha sobre si mesma, impossibilitando uma apropriação mais criativa ou crítica. O pensamento constelativo, no entanto, permite que se veja a escrita acadêmica como um espaço de disputa, no qual o sujeito deve negociar constantemente entre a norma, sua própria voz, suas incertezas quanto ao desconhecido.

Já *Oliveira* (2019), em sua análise sobre escritas feministas e a "política de narratividade", traz para essa constelação a ideia de que a escrita acadêmica pode ser uma prática de resistência e de agência política. Nesse cenário os rastros deixados por mulheres comuns em memórias, redes sociais ou músicas são formas alternativas de narrar histórias que a escrita formal não contempla: *“Escritas outras que contam suas histórias, lutas e existências”* (Oliveira, 2019, p. 183). Nesse caso, a constelação de conceitos em torno da escrita acadêmica nos leva a entender que, ao limitar a escrita a um formato específico, algo crucial é “aplainado”: as múltiplas vozes e experiências que resistem à formalidade, mas que são igualmente dignas de consideração acadêmica. O conceito da escrita acadêmica formal, ao ser circunscrito, exclui essas expressões e impede que uma narrativa mais plural e expansiva emergja.

Outro ponto de destaque é a concepção de *Pereira* (2013), que aborda a escrita acadêmica como um dispositivo essencial para a constituição da ciência, ancorado em códigos linguísticos e métodos próprios do campo. *Pereira* afirma que a escrita acadêmica, mesmo dotada de rigor analítico, pode ser aproximada das produções literárias, sem perder de vista a densidade exigida pelo objeto de estudo: *“A escrita acadêmica pode ser dotada ainda de leveza e graça, em uma estetização que se aproxime de produções literárias, sem perder de foco a necessária densidade no trato do objeto de estudo”* (Pereira, 2013, p. 5). Essa visão traz para a constelação uma tentativa de conciliar o que, em princípio, seria inconciliável: o rigor científico com

a leveza estética. Aqui, a constelação de conceitos permite que percebamos a escrita acadêmica não apenas como uma expressão formal e rígida, mas como algo que pode integrar dimensões mais amplas de criatividade e beleza, aspectos que o conceito tradicional da escrita científica tende a amputar. aqui podemos entrever algo bastante trabalhado por Adorno (2004), a ideia de que o rigor do pensamento científico, inclusive o rigor da formulação do conceito e da interpretação não impede, mas ao contrário, se beneficia da desenvoltura com a qual o autor pode elaborar ou recuperar metáforas, figuras, que não só embelezam a frase, mas eventualmente colaboram para aprimorar e refinar a clarificação do pensamento/escrita-em-devir.

Daunay (2020) discute o papel da *subjetividade* na escrita acadêmica, questionando a visão de que a escrita científica deve ser impessoal e objetiva. Ao revisitar as manifestações específicas de subjetividade no discurso acadêmico, ele destaca que a escrita é, de fato, uma prática situada, que envolve a escolha deliberada de recursos retóricos e estilísticos que refletem a voz do autor: *“A retórica do discurso científico, em muitas disciplinas, é marcada por uma intenção argumentativa importante e por manifestações específicas de subjetividade”* (Daunay, 2020, p. 366). Nesse caso, podemos ver que, enquanto a escrita acadêmica tenta se distanciar da subjetividade, esta, inevitavelmente, retorna por outras vias, manifestando-se nos gestos e nas escolhas do autor. O pensamento constelativo, então, abre espaço para uma compreensão mais complexa da escrita acadêmica, em que a subjetividade, ao invés de ser excluída, é incorporada crítica e autocriticamente como parte integrante do processo acadêmico/epistêmico.

A partir dessas concepções, podemos visualizar uma constelação em torno da escrita acadêmica que revela o "mais" que ela pode ser, mas que, muitas vezes, os conceitos formais não permitem que ela seja. Como Adorno (2009) sugere, os conceitos extirpam algo de si mesmos ao tentar circunscrever o objeto. Ao pensar a escrita acadêmica constelativamente, conseguimos enxergar suas tensões, suas lacunas e suas possibilidades não exploradas: um espaço de criação, resistência, subjetividade e multiplicidade, para o pensamento mover-se além das fronteiras estabelecidas pelo conceito fixo.

Numa análise constelativa das concepções de escrita acadêmica, adornianamente, podemos ver como novos aspectos da escrita surgem quando os conceitos se encontram em um campo de relações mais amplo, revelando o que os conceitos, em seu isolamento, amputam. Adorno (2009) sugere que, ao reunirmos

conceitos em torno de um objeto, como a escrita acadêmica, podemos captar suas múltiplas dimensões que escapam à rigidez do pensamento conceitual tradicional.

Miranda (2019) oferece uma contribuição valiosa para essa constelação ao explorar a ideia de que a escrita acadêmica é marcada por *heterogeneidade discursiva*, na qual o sujeito que escreve engendra múltiplas vozes. A escrita é, aqui, um lugar de encontro entre diferentes discursos, mobilizados pelo autor de modo consciente ou não: “A escrita acadêmica compreende, em sua estrutura, procedimentos teórico-metodológicos, como a apresentação de um problema, a criação de um objeto de pesquisa e a utilização de outros discursos como parte da argumentação” (Miranda, 2019, p. 27). Ao circunscrever a escrita acadêmica a um formato rígido, muitas vezes o caráter polifônico da escrita é suprimido. No entanto, Miranda revela a tensão entre essa multiplicidade de vozes e a tentativa de enquadrar a escrita. O conceito fixo da escrita acadêmica, ou fixo em um único aspecto eleito como figura-chave identificatória dela, tenta extirpar essas vozes, mas, ao observá-las constelativamente, percebemos que a própria estrutura/forma da escrita depende desse diálogo com o outro. Esse é um conhecimento acumulado na própria prática da escrita acadêmica e revelado à medida que os discursos se articulam.

Seguindo essa linha, a concepção de Nascimento (2014) complementa essa visão ao discutir a escrita acadêmica como uma prática situada e marcada por especificidades culturais e linguísticas. Nascimento problematiza a escrita acadêmica ao colocar em foco a perspectiva de estudantes indígenas, para quem as normas da escrita acadêmica muitas vezes representam uma imposição de saberes e práticas culturais externas: “A escrita acadêmica está mais na língua culta, um português de estudo superior para escrever texto, produzir livros a qual não pode estar colocando gíria e palavras que falam no cotidiano das pessoas” (Nascimento, 2014, p. 281). Aqui, o conceito de escrita acadêmica tradicional tenta excluir ou subalternizar formas de expressão que não se encaixam na norma culta. Ao analisarmos essa concepção constelativamente, vemos que há uma dimensão oculta da escrita que envolve resistência cultural e linguística. Resistência a pressupostos coloniais como certas ideias de ciência e civilização. O sujeito que escreve, nesse contexto, está em constante barganha entre seu próprio repertório cultural e as exigências da academia, acumulando em si a tensão de querer expressar-se de forma mais autêntica, ao mesmo tempo, em que é forçado a adaptar-se a uma norma que o exclui.

Essa perspectiva ressoa com *Carvalho (2022)*, que discute as práticas de leitura e escrita acadêmicas como formas de produção de identidades, reguladas por normas acadêmicas que ditam o que pode ou não ser dito. Nas práticas de leitura e escrita acadêmicas, as identidades são produzidas mediante a participação em práticas letradas e construções discursivas no contexto acadêmico em termos de quem pode escrever o quê, que textos devem ser lidos, que recursos linguísticos e estilísticos podem ser usados (*Carvalho, 2022*).

Essa concepção evidencia que a escrita acadêmica é um espaço de disputa discursiva e identitária, no qual o conceito tradicional de escrita tenta regular e controlar as formas de expressão. No entanto, o pensamento constelativo de Adorno (2009) permite perceber que a identidade do sujeito escritor não é fixada por essas normas, mas está em constante movimento, sendo formada e transformada pela participação nesse espaço discursivo. Ao mesmo tempo que a escrita é normatizada, ela também pode ser um espaço de contestação e reconfiguração identitária.

A noção de escrita como uma prática regulada também aparece em *Fonseca (2019)*, que explora o papel do controle institucional sobre a produção de conhecimento. Para Fonseca, a escrita acadêmica é regida por procedimentos de regulação interna do discurso, moldados por categorias como autor, disciplina e comentário, que limitam as possibilidades de expressão do sujeito: “*A regulação e o controle são constitutivos da escrita acadêmica*” (*Fonseca, 2019, p. 1268*). Aqui, a metáfora adorniana do cofre-forte bem guardado torna-se particularmente relevante: o conhecimento da escrita acadêmica não pode ser acessado por uma única chave, ou por um único conceito.

O controle que a instituição exerce sobre a escrita acadêmica, ao circunscrever os modos legítimos de produção, impede que a totalidade do objeto — a prática da escrita acadêmica em todas as suas dimensões — seja conhecida de maneira direta. A análise constelativa, no entanto, permite revelar as fissuras nesse controle, as brechas pelas quais o sujeito que escreve pode explorar novas formas de expressão, mesmo dentro dos limites impostos.

Goulart (2006), que discute o papel da linguagem na construção da singularidade dos sujeitos no âmbito acadêmico. Para Goulart, a escrita acadêmica não apenas transmite conhecimento, mas é um processo fundador da subjetividade, no qual o sujeito inscreve-se em comunidades científicas específicas e participa ativamente na construção de sua identidade: “*A linguagem tem um papel fundador na*

*construção da singularidade dos sujeitos e na construção das suas marcas de pertencimento a grupos sociais*” (Goulart, 2006, p. 293). Ao tratar a escrita acadêmica como um lugar de fundação da subjetividade, Goulart oferece um ponto central para nossa constelação: o sujeito acadêmico é formado não apenas pelo conteúdo que escreve, mas pela própria prática da escrita como uma atividade complexa, cognitiva, social e discursiva. Isso deixa transparecer o aspecto formativo da escrita, que o conceito isolado de "escrita técnica" ou "científica" tende a reduzir e reificar.

Ao observarmos a escrita constelativamente, percebemos que ela também é um processo de autoformação. Nele o sujeito se descobre e se afirma dentro das estruturas acadêmicas/epistêmicas.

Reunir essas diferentes concepções de escrita acadêmica, ainda que de forma fragmentária, permite-nos ver que ela é muito mais do que aquilo que os conceitos isolados, e por vezes manualescos, permitem captar. Como sugere Adorno (2009) é no conjunto, na articulação entre essas várias concepções, que conseguimos apreender as dimensões ocultas, as tensões e as possibilidades de transformação que a escrita acadêmica comporta.

Podemos explorar ainda mais as complexidades que emergem quando se consideram as inter-relações entre os conceitos. Em consonância com Adorno (2009), que defende que a constelação de conceitos permite alcançar o que o pensamento tradicional extirpa, cada nova concepção traz uma dimensão adicional e perspectiva ao entendimento da prática da escrita acadêmica, revelando tanto suas limitações quanto suas potencialidades ocultas.

Silva (2014), por exemplo, apresenta a escrita acadêmica como um campo de ação argumentativa, em que o sujeito que escreve precisa moldar seu discurso de modo a persuadir uma audiência específica. Ele enfatiza que “*os textos acadêmicos são estruturados para efeito persuasivo*” (Silva, 2014, p. 32) e que a prática da escrita acadêmica envolve a negociação contínua das expectativas da comunidade acadêmica (Silva, 2014, p. 32). Essa concepção revisita um aspecto fundamental do que Adorno (2009) aponta: o conhecimento do objeto não pode ser capturado de maneira totalizante por um único conceito. A persuasão, enquanto objetivo central da escrita acadêmica, revela que o sujeito escritor precisa negociar tanto com o conteúdo do seu discurso quanto com as expectativas de quem o lê.

Assim sendo, a escrita acadêmica, não é um espaço neutro de transmissão de conhecimento. Em vez disso, se evidencia como um campo de interação dialética,

em que a própria forma de apresentação está sujeita as hipótese e pressupostos, conscientes ou inconscientes, e às pressões retóricas, normativas, socioeconômicas e geopolíticas.

Pensar constelativamente nos permite entender que essas normas são apenas parte de uma estrutura maior, no qual o processo de persuasão é moldado por uma série de fatores discursivos, culturais e institucionais.

Ferreira (2022), argumenta que a escrita, no contexto acadêmico hegemônico, muitas vezes carrega consigo as marcas da colonialidade, ao privilegiar certas formas de expressão em detrimento de outras: *“A escrita acadêmica [...] revela um privilégio colonial e excludente ao não legitimar outras formas de produção e disseminação do conhecimento”* (Ferreira, 2022, p. 32). A constelação aqui nos mostra que a escrita acadêmica, ao ser regulada por padrões eurocêntricos de legitimidade científica, extirpa a diversidade epistemológica que poderia enriquecer o campo acadêmico. Contudo, o pensamento constelativo de Adorno (2009) permite que vejamos essas formas marginalizadas como parte integrante da totalidade aberta do saber acadêmico. Assim, a escrita acadêmica, ao ser vista sob a lente de uma constelação crítica, abre-se para novas possibilidades de inclusão e pluralidade, ao possibilitar e legitimar modos outros de elaboração do conhecimento.

Ao trazermos Werneck (2010) para a constelação, encontramos outra camada de complexidade na escrita acadêmica. Werneck propõe que a escrita acadêmica é um processo de negociação, com os textos que sustentam o discurso, como unidades ou blocos de sentido, e com o próprio eu e com a comunidade acadêmica. Ela afirma que *“negociamos conosco, buscando colocar nossa própria voz nos espaços de debate”* (Werneck, 2010) citado por (Oliveira, 2022, p.8). Esse aspecto da escrita acadêmica sugere que a formação do sujeito é também um ato de resistência. O sujeito está constantemente confrontado consigo, em diálogo consigo mesmo, tentando se afirmar em meio às expectativas normativas e às suas próprias ambições intelectuais. A escrita acadêmica, assim, é um espaço onde múltiplos vetores de subjetividade e regulamentação colidem, gerando um campo de tensão formativa.

Boch e Rinck (2010) também abordam a questão da subjetividade na escrita acadêmica, argumentando que, embora essa escrita seja frequentemente vista como despersonalizada, ela carrega manifestações de subjetividade fundamentais para o discurso acadêmico: *“O autor se esconde por trás da apresentação de fatos objetivos*

[...] *mas, ao mesmo tempo, revela-se nas escolhas estilísticas e argumentativas que faz*” (Boch e Rinck, 2010, p. 6). O que esses autores nos mostram é que a impessoalidade da escrita acadêmica é, em grande parte, uma construção retórica. Na verdade, a subjetividade está sempre presente, ainda que oculta.

O pensamento constelativo aqui nos leva a compreender que as escolhas estilísticas e argumentativas, que parecem invisíveis sob o véu da objetividade, são parte integrante do processo de formação e afirmação do sujeito dentro do campo acadêmico. O que o conceito tradicional extirpa — a subjetividade —, a constelação devolve como um aspecto central da prática acadêmica.

Por fim, *Wrigley* (2019) oferece uma perspectiva interessante sobre a escrita acadêmica ao discutir a relação entre escrita e descoberta intelectual. Para *Wrigley*, a escrita não é simplesmente uma forma de registrar informações. Ela torna-se um meio pelo qual o próprio pensamento é desenvolvido e articulado: *“A escrita acadêmica é um complexo processo de descoberta, e não um mero produto final”* (*Wrigley*, 2019) citado por *cruz* (2023). Essa concepção se alinha diretamente com o pensamento adorniano, pois sugere que o conhecimento do objeto (neste caso, o saber acadêmico) é algo que se acumula/desenvolve no próprio escrever da escrita acadêmica. O conceito de escrita acadêmica como um produto fixo ou estático não captura o dinamismo e o potencial formativo que o processo de escrita mobiliza.

Ao escrutinar a escrita acadêmica constelativamente, por intermédio das suas concepções, percebemos que o escrever pode ser um espaço de experimentação e exploração, no qual quem escreve pode se envolver num trabalho conceitual/artesanal que pode, por meio desses conceitos e suas conceitualidades, ir além desses próprios conceitos.

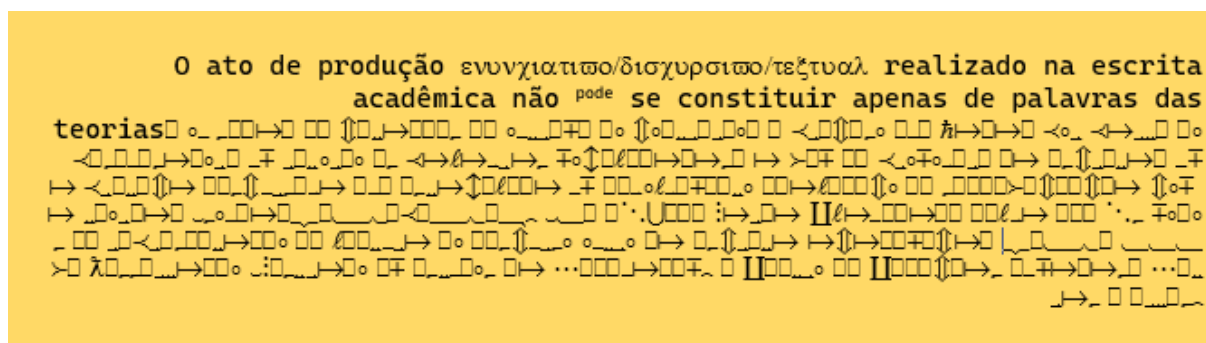
Seguindo nessa linha de análise das concepções de escrita acadêmica, conforme o pensamento adorniano, avançamos na articulação de novas perspectivas que, juntas, revelam dimensões ocultas e contraditórias dessa prática. *Adorno* (2009), por meio da constelação, salienta que o conhecimento é algo que não se encerra em conceitos rígidos, mas é capturado na inter-relação entre esses conceitos. Ao trazer novas concepções para essa constelação, queremos mostrar o que a escrita acadêmica contém e deixa entrever de seu processo social, histórico, etc. Trata-se, como diria *Adorno* (2004), de desinocular os conteúdos social e historicamente introjetados nela e não de simplesmente correlacionar diretamente os conteúdos históricos que se desenvolvem nesse processo dialético.

A escrita acadêmica está profundamente imbricada com dinâmicas de poder, nas quais o acesso à legitimidade acadêmica é controlado por normas que muitas vezes excluem certas vozes ou formas de expressão

As normas que regulam quem pode falar e como se pode falar limitam o campo do saber, criando um sistema em que certas vozes são suprimidas. Entretanto, ao analisar essas dinâmicas de poder constelativamente, podemos entender que o controle sobre a escrita acadêmica não é absoluto; ele é contestado e tensionado por sujeitos que buscam novas formas de expressar seu conhecimento dentro (ou fora) dessas normas.

Ao articular essas novas concepções dentro da constelação, percebemos que a escrita acadêmica pode ser um campo de forças dinâmico, no qual diversas dimensões — afetivas, pedagógicas, criativas, políticas e inclusivas — se entrelaçam e se tensionam. O pensamento constelativo nos permite ver que a escrita acadêmica não é um espaço fechado e normativo, mas sim um processo de formação contínua, em que os sujeitos que escrevem se engajam com o conhecimento de maneira profunda e crítica, ao mesmo tempo que contestam as limitações impostas pelas normas acadêmicas e buscam ultrapassar suas próprias fronteiras acadêmico-epistêmicas. Dessa forma, a escrita acadêmica se revela como um campo de disputa, criação e transformação, no qual o saber é constantemente produzido e reproduzido por conceitos, mas também pelas inter-relações que esses conceitos formam dentro dessa conjuntura que vai-se elaborando no devir desse escrever.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



(Souza, 2017, p.47-8)

Podemos dizer que, em certo sentido, nossa análise confirmou a hipótese inicial, de que a escrita acadêmica é frequentemente tratada como um produto, e não

como um processo. Embora essa visão não seja absoluta, diversas concepções indicam essa perspectiva ao considerar a escrita acadêmica como um produto.

Essa noção de "produto", como procuramos mostrar, revela um pano de fundo reificante em que a escrita acadêmica é organizada em fases e protocolos que são, por vezes, estocásticos, com elementos de produção quase fabril. Há um movimento de controle e planejamento a partir de critérios predefinidos que direcionam os modos de escrever, impondo formas que raramente se orientam pela livre experimentação ou pela expressão autêntica de ideias. Em muitos casos, a escrita acadêmica é desenvolvida com finalidades restritas, sem vislumbrar o valor formativo que poderia emergir de uma prática mais livre e significativa. Em vez disso, a redação muitas vezes é limitada a um exercício de avaliação que, ao fim, serve somente para reproduzir a lógica tradicional e autossustentável do sistema acadêmico.

Mas o que significa essa ideia de produto no contexto acadêmico? Em primeiro lugar, envolve a estruturação da escrita segundo esquemas lógicos e discursivos preestabelecidos, moldados por normas e estruturas que hierarquizam as fases e a aceitação de quem escreve. Essa visão de produto insere a escrita acadêmica em uma lógica que aproxima sua elaboração de um bem ou mercadoria: ela é construída e avaliada segundo parâmetros que visam a produção e o controle, estruturados segundo as demandas da academia e da sociedade mais ampla.

Esse ciclo fechado da escrita acadêmica reflete práticas de uma educação ainda tradicional e bancária, pautada em lógicas de produção e controle. A escrita, então, opera muitas vezes como um processo alienante, no qual o sujeito produz algo que não é dele, mas que lhe é exigido por um sistema de trabalho e disciplina. Assim, a prática da escrita acadêmica se configura em uma dupla função: como mercadoria, extraída do sujeito; e como um exercício cujo valor é reduzido a uma medida de conformidade dentro do sistema, reforçando o caráter alienante do poder, em princípio, ser uma experiência formativa.

Tanto é assim que várias das concepções pensam a escrita acadêmica como o processo, que dizem que ela é um processo de investigação ou um processo de descoberta, logo na sequência vem a finalidade desse processo, que por sua vez o justifica. Ou seja, não se trata de processualidade naquele sentido da suspensão da síntese, que comentamos anteriormente, no sentido amplo, dialético. Em vez disso, o processual geralmente aparece visando e justificado unicamente por suas finalidades,

um artigo, um texto, uma peça que vai circular na comunidade discursiva, ou até um produto a figurar nas fichas de avaliação quadrienais.

Nossa análise revelou nuances que ampliam e, ao mesmo tempo, questionam a hipótese inicial de que a escrita acadêmica é compreendida como um produto ou processo de maneira simplista. Ao longo da filtragem e do aprofundamento, essas ideias iniciais foram se tornando insuficientes, uma vez que a complexidade do objeto revelou-se maior do que o previsto. Se, por um lado, encontramos algumas evidências de que a escrita acadêmica é abordada como produto em muitas concepções, percebemos também uma diversidade de outras visões que a tratam como um processo dinâmico e interativo, incluindo dimensões que vão além dessa dicotomia de produto/processo. Em muitas dessas concepções, existem camadas adicionais que sugerem tanto um entendimento processual quanto uma compreensão mais estática e objetual da escrita acadêmica. Portanto, a hipótese inicial não se mostrou completamente falsa, mas precisou ser expandida e sofisticada para refletir melhor a multiplicidade de significados que a escrita acadêmica comporta.

Ademais, nossa pesquisa confirma que, apesar de sua centralidade na educação superior, há uma escassez de investigações que abordem a escrita acadêmica de forma sistemática. Enquanto a prática acadêmica e a educação superior dependem profundamente da escrita, e muitos autores e concepções evidenciam sua relevância, as pesquisas específicas sobre o tema ainda são limitadas. Embora existam trabalhos na área dos letramentos que abordam discursos sobre a escrita acadêmica e as percepções dos professores e estudantes, são raras as tentativas de mapeamento conceitual que busquem categorizar ou descrever de forma abrangente as concepções de escrita acadêmica na literatura brasileira. Estudos que exploram a escrita acadêmica em um nível conceitual ou categorial – um “guia” ou referencial teórico, por exemplo – são praticamente inexistentes.

Isso é ainda mais evidente quando consideramos que a maioria das pesquisas que encontramos está situada no campo das linguagens e letras, especialmente na perspectiva da linguística aplicada, da discursividade e da língua portuguesa. Este predomínio limita o escopo da compreensão da escrita acadêmica, sugerindo a necessidade de abordagens que contemplem a prática em seu sentido mais amplo, abrindo espaço para a construção de uma compreensão mais rica e multidimensional do que significa escrever no contexto acadêmico.



## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5ª edição. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi, 2007.

ADORNO, T.W. *A atualidade da filosofia* 2004. Disponível em: <<http://www.antivalor.kit.net/textos/frankfurt/adorno/adorno07.htm>>.

ADORNO, Theodor W. Dialética negativa. Trad. de Marco Antonio Casanova; rev.

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Trad. Artur Mourão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1992.

BECKER, H. **Segredos e truques da escrita**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRAGA, Maria Valcirene Oliveira. Escrita de monografia a experiência de ensino e pesquisa narrada por futuros professores de Língua Portuguesa. 2023. 114 f Dissertação (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - Campus Bacabal)

BRASIL, 2025 REUNI, portal do mec; <http://portal.mec.gov.br/reuni/reuni#:~:text=A%20expans%C3%A3o%20do%20ensino%20superior,a%20perman%C3%A2ncia%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20superior>.

CRUZ, Robson Nascimento. **Becker e o silêncio sobre a escrita na pós-graduação: soluções antigas para o cenário Brasileiro atual?**. 2018.

CRUZ, Robson Nascimento. Palestra. Saúde mental e o bloqueio da escrita na pós-graduação. 2017a. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=S\\_ZqLekL3tY](https://www.youtube.com/watch?v=S_ZqLekL3tY)>. Acesso em: 31 maio 2022. Parte 1.

CRUZ, Robson Nascimento. **Palestra. Saúde mental e o bloqueio da escrita na pós-graduação**. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i59IZAW-r90>>. Acesso em: 31 maio 2022. Parte 2.

CRUZ, Robson. 1. **Diálogos com pesquisadores: Aula Aberta - Bloqueio da Escrita Acadêmica - Robson Cruz**. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RxfRPCGNpvs&t=222s>. Acesso em: 10 set. 2022.

CRUZ, Robson. **Bate-papo Acadêmico: Escrita acadêmica e a saúde mental na universidade como problema político**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zCiev1ORfNM>. Acesso em: 10 set. 2022.

DA SILVA, Alex Sander. Fetichismo, alienação e educação como mercadoria. Reflexão e Ação, v. 19, n. 1, p. 123-139, 2011.

DA SILVA, Elizabeth Maria. Os mistérios que envolvem a escrita acadêmica. Incursões na escrita acadêmico-universitária, 2017.p.2)

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. 130 p.

DO NASCIMENTO, Rafael Baioni. O ensaio como forma e a narrativa como método: encontros com a Teoria Crítica e o feminismo negro. *Educação, Escola & Sociedade*, v. 14, n. 16, p. 1-26, 2021.

FERREIRA, Maria de Lourdes Santos. Letramentos acadêmicos em contexto de expansão do ensino superior no Brasil. 2013.p.19

FERREIRA, Maria de Lourdes Santos. Letramentos acadêmicos em contexto de expansão do ensino superior no Brasil. 2013.p.23

FIAD, Raquel Salek. A escrita na universidade. *Revista da ABRALIN*, 2011. p.359

FIAD, Raquel Salek. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. *Pensares em Revista*, n. 6, 2015.p.30

FISHER, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. *Autonomia literária*, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e terra, 2014.

FRIGOTTO, G. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais**. *Ideação*, Foz do de Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2008.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela Pesquisa: Ambiente de Formação de Professores de Ciências**. Ijuí: Unijuí, 2003. 285 p.

GALVÃO, Sylvia Coutinho Abbott. Do castelo de Périgord à academia ensaiando o gênero ensaio na UFRN. 2018. 193f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal d)

GATTI, Bernardete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. In: *Políticas docentes no Brasil: um estado da arte*. 2011. p. 295-295.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & realidade**, v. 28, n. 2, 2003.

LEHER, Roberto. Para silenciar os campi. *Educação & Sociedade*, v. 25, p. 867-891, 2004.

MARINHO, M. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.10, 2010, p.363-386.

NININ, Maria Otilia Guimarães. ESCRITA ACADÊMICA E GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL PERSPECTIVAS PARA O ENSINO. *Trabalhos em Linguística Aplicada* [online]. 2015, v. 54, n. 3 [Acessado 13 Fevereiro 2024], pp. 593-619. Dispo)

NÓVOA, António. O futuro da universidade: o maior risco é não arriscar. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 14, n. 29, p. 54-70, 2019.

OLIVA, Alberto. **Teoria do conhecimento**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.

PINTO, Maria da Graça Lisboa Castro. **Os meandros da escrita acadêmica: alguns recados aos estudantes universitários**. 2018.

REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida; SALLAS, Ana Luisa Fayet. O controle das emoções na escrita acadêmica e seu impacto na relação do indivíduo com o trabalho intelectual. *Interseções*. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 21, n. 21-3, 2019.

RODRIGUES, Érica dos Santos. **A pesquisa da escrita em processo: questões metodológicas e ferramentas de investigação**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QSzPfvFhKZI>. Acesso em: 10 set. 2022.

SATIE, Luis. Campos de força da estética de Theodor Adorno. *Philosophos-Revista de Filosofia*, v. 19, n. 1, p. 131-169, 2014.

SILVA, Alexsandro Alberto da; ARAÚJO, Monica Lopes Folena. Percepção de professores coordenadores de área e supervisores sobre ações e contribuições do Pibid Biologia em seu processo formativo. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 27, 2021.

SILVA, Aline Cristina da. O metadiscurso em artigos científicos de linguística e literatura. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.)

SOUZA, Camila Duarte de. Eu não sei escrever academicamente apreciações valorativas de estudantes do Programa de Tutoria da Pedagogia da UFF sobre suas práticas letradas acadêmicas. 2023.

SOUZA, Maria Claudiane Silva de. Os modos de representação de leitura do discurso outro na escrita acadêmica. 2017. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes) das concepções mapeadas

SPERONI, Karine Sefrin. **Consumo de si nas tramas da Pós-Graduação Stricto Sensu: como os discentes produzem-se nesse contexto?** 2018. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.

téc. de Eduardo Soares Neves Silva. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

## APÊNDICES

As referências completas, os nomes ou endereços completos de cada trabalho foram colocadas nos pdf quando estávamos fazendo o levantamento e filtragem seguindo o que foi disponibilizado por cada base de dados ou em último caso pelo que conseguimos encontrar usando o Google acadêmico. Por isso, será possível perceber que não há um padrão geral para todas as referências/ nomes ou endereços completos dos trabalhos componentes do corpus. Além disso, também naquela época ficamos reféns do que o sistema permitiu como limite máximo para os nomes dos arquivos de pdf. Isso também alterou várias referências, cerceando e reduzindo seus nomes. Essa perda de algumas informações talvez não vá ser tão prejudicial, pois nosso objetivo aqui não é propriamente o mapeamento em si dos trabalhos e das concepções, ele é importante é claro, mas também é incidental. Ou seja, o que queremos é analisar as constelações educativas, para isso precisamos analisar as concepções, pelo que foi necessário encontrá-las e trazê-las à luz. Contudo, no interesse da pesquisa poderemos pensar em atualizar esse detalhe em outro momento, para que o nome dos pdf, a referência completa, o trabalho respectivo no corpus e a coleta de dados fiquem mais padronizados.

### Lista dos trabalhos perscrutados no estado da arte

Quadro 1

Título/autor	resumo
<p>Melo, B. O., &amp; Araújo, C. K. . (2022). Percepções sobre a escrita acadêmica no contexto de um curso de Licenciatura em Letras-Português. DISCURSIVIDADES, 11(2), e1122205.</p> <p>Bárbara Olímpia Melo, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ</p> <p>Doutora e Mestre em Linguística (UFC). Docente da Graduação em Letras/Português, do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Bolsista de Produtividade da Fundação de</p>	<p>A comunidade discursiva acadêmica demanda que seus membros participem de práticas de escrita e leitura concernentes àquele ambiente, como a produção de gêneros que circulam nesta comunidade discursiva. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo compreender como os graduandos e docentes de uma instituição de ensino superior pública concebem estas práticas. Para este fim, analisamos, à luz dos postulados dos Letramentos Acadêmicos, questionários que foram aplicados junto aos professores e graduandos do 3º e 7º período do curso de Licenciatura em Letras-Português, de uma Universidade pública estadual no Nordeste, com o propósito de investigar a prática da escrita no âmbito do curso de Letras/Português, sob o olhar do docente</p>

<p>Amparo à Pesquisa do Piauí - FAPEPI, conforme Edital FAPEPI 011/2021. É líder do grupo de pesquisa “Estudos sobre a linguagem e o ensino da língua portuguesa”.</p> <p>Cibele Araújo, UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ</p> <p>Graduanda de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro do grupo de pesquisa Estudos sobre a Linguagem e o Ensino da Língua Portuguesa da UESPI.</p>	<p>e do discente. Os resultados mostram que os discentes dos dois períodos investigados mostram-se ainda inseguros perante as práticas de escrita e leitura de textos da comunidade discursiva acadêmica. Quanto aos docentes, foi perceptível uma constante busca por metodologias de ensino da escrita, no que se refere às produções acadêmicas dos alunos, de modo que contemplem singularidades da cultura disciplinar acadêmica.</p> <p><b>Palavras-chave: Escrita. Letramento. Gêneros acadêmicos.</b></p>
<p>DE CARVALHO FIGUEIREDO, Débora; BONINI, Adair. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. <i>Linguagem em (Dis) curso</i>, v. 6, n. 3, p. 413-446, 2006.</p> <p>Débora de Carvalho Figueiredo</p> <p>Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Doutora em Inglês e Literaturas Correspondentes. E-mail: <a href="mailto:deborafigueiredo@terra.com.br">deborafigueiredo@terra.com.br</a></p> <p>Adair Bonini</p> <p>Professor da UNISUL. Doutor em Lingüística. E-mail: <a href="mailto:adbonini@yahoo.com.br">adbonini@yahoo.com.br</a></p>	<p>Este artigo investiga as concepções sobre o ensino-aprendizagem da escrita acadêmica, a partir das respostas a um questionário sobre esse tema respondido por um grupo de alunos de mestrado, após terem participado de uma oficina de produção textual acadêmica escrita. A análise baseou-se no trabalho de Ivani? (2004) a respeito dos discursos sobre o ensino da produção escrita na escola. Através da análise dos questionários, pudemos constatar, na fala dos alunos, traços da pedagogia de letramento em gêneros e de uma visão social do discurso. Os resultados indicam uma contribuição da experiência de ensino no sentido de familiarizar os mestrandos com a noção de escrita como prática social inserida dentro de uma comunidade discursiva, mas também que eles ainda estão no estágio de membros periféricos nessa comunidade.</p> <p>Palavras-chave: discurso; gênero textual; produção textual; ensino; discursos sobre a escrita.</p>
<p>DO CARMO, Mariana Coralina. Avaliação de um programa de intervenção na escrita de sínteses para estudantes universitários. 2017. Tese de Doutorado. [sn].</p> <p>Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração de Psicologia Educacional.</p> <p>Autora: MARIANA CORALINA DO CARMO Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP - 2008), Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP - 2011) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2017), na área de Psicologia Educacional. Também graduada em Tecnologia em Processos Gerenciais pela Universidade Anhanguera-Uniderp (2020). Possui experiência com Ensino Superior nos diferentes segmentos (Graduação, EaD, Pós-</p>	<p>A experiência de aprendizagem no ensino superior é vista como um processo complexo e que envolve diversas demandas pessoais, acadêmicas, institucionais e relacionais. Dentre elas, destaca-se a função da leitura e da escrita como condição essencial para a aprendizagem, construção e transformação do conhecimento. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar o efeito de um programa de intervenção na produção escrita de síntese para estudantes universitários. Participaram deste estudo 31 estudantes regularmente matriculados em diversos cursos de graduação de uma instituição pública de ensino superior que espontaneamente aceitaram participar da pesquisa. O programa de intervenção foi oferecido por meio de uma oficina com seis encontros presenciais de duas horas, com foco na escrita argumentativa de sínteses. Foram desenvolvidos dois estudos: uma pesquisa quase-experimental com delineamento de série temporal e um estudo qualitativo sobre o impacto da oficina na percepção dos estudantes participantes. Para avaliar a eficácia do programa foram comparados os resultados obtidos a partir das variáveis de autoeficácia para a escrita, concepção de escrita, autoeficácia para autorregulação da</p>

Graduação e Extensão Universitária) e gestão educacional na área acadêmica, comercial e operacional, com vivência em grandes instituições. Atualmente atua no desenvolvimento de projetos educacionais no Ensino Superior, com foco em avaliação da aprendizagem.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Soely Aparecida Jorge Polydoro

Atualmente é professora Livre-Docente da Universidade Estadual de Campinas, departamento de Psicologia Educacional, e líder do Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior - Faculdade de Educação, Unicamp. Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1989), mestrado em Psicologia Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1995) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Foi coordenadora Geral do Espaço de Apoio ao Ensino e a Aprendizagem [ea]²/PRG da Universidade Estadual de Campinas na gestão 2017-2021. Linha de investigação orientada para a formação do estudante do educação superior, especialmente quanto aos processos de integração acadêmica, autoeficácia, autorregulação da aprendizagem e dimensões educativas associadas. E-mail para contato: [polydoro@unicamp.br](mailto:polydoro@unicamp.br)

escrita e desempenho na escrita, avaliadas antes e após a intervenção, por meio da aplicação presencial e coletiva de questionários e escalas que visam aferir essas medidas. Para a verificação do impacto do programa na percepção dos participantes, foi aplicado um questionário avaliativo da oficina no último encontro. Ao se comparar as médias obtidas antes e após a intervenção, constatou-se aumento significativo entre as médias de todas as variáveis estudadas ( $P < 0,001$ ), indicando que foram incrementadas durante o processo de intervenção, incluindo o aumento no desempenho da escrita de sínteses. No segundo estudo, a partir das respostas dos estudantes participantes foram identificadas diferentes mudanças na percepção da escrita e contribuições para o enfrentamento de atividades relacionadas à tarefa, reafirmando a contribuição da intervenção para os estudantes. Os resultados apresentados demonstram o efeito da utilização do programa no processo de promoção da escrita e oferece uma proposta de intervenção eficaz a ser utilizada no contexto de ensino superior, no sentido de possibilitar ao estudante maior condição de enfrentamento e de sucesso no seu processo de formação durante a graduação. Para finalizar, limitações e implicações metodológicas e práticas foram apresentadas, de forma a contribuir para futuros estudos.

Palavras-chave: escrita acadêmica; síntese argumentativa; autoeficácia na escrita; concepção de escrita; autorregulação para a escrita.

Elaborado pelo autor

### **Lista dos trabalhos do corpus documental (conforme a ordem em cada subcorpora, também seguida no mapeamento)**

Lista dos trabalhos componentes do corpus documental (conforme a ordem em cada subcorpora, também seguida no mapeamento)
1 SciELO

1 Brambila, Guilherme. ANÁLISE METALINGÜÍSTICA DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS SOBRE O PROCESSO DA ESCRITA NA PÓS-GRADUAÇÃO. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2023, v. 62, n. 2 [Acessado 10 Fevereiro 2024], pp. 351-362.

2 FESTAS, Isabel; SEIXAS, Ana; MATOS, Armanda. Escrita a partir de fontes e suas relações com o plágio em estudantes universitários. Educação e Pesquisa, v. 49, p. e252586, 2023.

3 Cruz, Robson Nascimento da e Rezende, Junio. A escrita de notas como artesanato intelectual Niklas Luhmann e a escrita acadêmica como processo.

4 Carvalho, Simone da Costa e Schlatter, Margarete. REPERTÓRIOS INDÍGENAS, VOZ E AGÊNCIA NA ESCRITA DE RELATÓRIOS DE PESQUISA DE MESTRADO. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2022, v. 61, n. 3 [Acessado 13 Fevereiro

5 Oliveira, Rosemary Rodrigues de, Rocha, Késia dos Anjos e Oliveira, Érika Cecília Soares. Contraescritas feministas educação das meninas de pedra. Revista Estudos Feministas [online]. 2022, v. 30, n. 2 [Acessado 13 Fevereiro

6 Ó, Jorge Ramos do. Pedagogia do seminário universitário proveniência histórica e tradução contemporânea. Educação e Pesquisa [online]. 2021, v. 47 [Acessado 13 Fevereiro 2024], e229256. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S16>

7 Daunay, Bertrand. METÁFRASE E PARÁFRASE MODALIDADES DA APROPRIAÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM NA ESCRITA ACADÊMICA. Linguagem em (Dis)curso [online]. 2020, v. 20, n. 02 [Acessado 13 Fevereiro 2024], pp. 363-380. Disponível em h

8 Oliveira, Érika Cecília Soares et al. "Meu lugar é no cascalho" políticas de escrita e resistências. Fractal Revista de Psicologia [online]. 2019, v. 31, n. spe [Acessado 13 Fevereiro 2024], pp. 179-184. Disponível em ht

9 Fonseca, Janaína Zaidan Bicalho. Universidade e produção de conhecimento na formação inicial uma estratégia didática para o ensino da escrita acadêmica. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2019, v. 58, n. 3 [Ace

10 Moraes, Ana Cristina de e Castro, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. Revista Brasileira de Educação [online]. 2018, v.

11 Fuza, Ângela Francine. OBJETIVISMOSUBJETIVISMO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DAS DIFERENTES ÁREAS A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA ACADÊMICA. Alfa Revista de Linguística (São José do Rio Preto) [online]. 2017, v. 61, n. 3 [Acessad

12 Ninin, Maria Otilia Guimarães. ESCRITA ACADÊMICA E GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL PERSPECTIVAS PARA O ENSINO. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2015, v. 54, n. 3 [Acessado 13 Fevereiro 2024], pp. 593-619. Dispo

13 Nascimento, André Marques do. Geopolíticas de escrita acadêmica em zonas de contato problematizando representações e práticas de estudantes indígenas. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2014, v. 53, n. 2 [Acess

14 Ninin, Maria Otilia Guimarães. Pode ser... Poderia ser... O uso de modalidades na escrita acadêmica. Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]. 2014, v. 14, n. 1 [Acessado 10 Dezembro 2023], pp. 175-197. Disp

15 Melo, Lívia Chaves de, Gonçalves, Adair Vieira e Silva, Wagner Rodrigues. Escrita acadêmica na escrita reflexiva profissional citações de literatura científica em relatórios de estágio supervisionado. Bakhtiniana Revist

2 DBTD

1 SILVA, Aline Cristina da. O metadiscorso em artigos científicos de linguística e literatura. 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

2 FERREIRA, Alexandra Batistela. Ensaaiando decolonialidade o gênero ensaio como possibilidade de insurgência na escrita acadêmica. 2022. 117f. Dissertação( Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias ) -

3 MIRANDA, Maria Aparecida da Silva. Articulação de vozes na escrita do pesquisador em formação análise de arranjos linguísticos na produção escrita acadêmica. 2019. 173f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de

4 SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa. Escrita e acontecimento discursivo uma análise discursiva do processo formativo do professor em dissertações do ProfLetras. 2020.

5 VEIGA, Ana Lygia V. S. da. Fiar a escrita políticas de narratividade – Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antropologia da imanência. Defesa de Douto

6 DA SILVA RODRIGUES, Ana Paula. Escrita acadêmica em cotexto de formação se professores do campo. 2012.

7 Paula Berford Leão dos Santos Barros, Ana; Emília Lins e Silva, Maria. Práticas de escrita e formação docente da produção textual cotidiana à construção do artigo científico. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós

8 SILVA, Diógenes Paulo da. A produção de gêneros acadêmicos de graduandos da UFRN um estudo sobre escrita mobilizadora de conhecimento. Orientador Sulemi Fabiano Campos. 2023. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)

9 Casal, João Roberto Bêta Escritas em divã encontros ético-estético-político em educação matemática João Roberto Bêta Casal. -- Rio Claro, 2023

10 SOUZA, Maria Claudiane Silva de. Os modos de representação de leitura do discurso outro na escrita acadêmica. 2017. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

11 GALVÃO, Sylvia Coutinho Abbott. Do castelo de Périgord à academia ensaiando o gênero ensaio na UFRN. 2018. 193f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal d

12 VIEIRA, José Antônio. Escrita, representação e concepção de ciência do pesquisador. 2018. 204f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do N

13 BASTIANI, Ederson. Desenvolvimento e validação de uma ferramenta computacional apoiada por mineração de texto voltada à qualificação da escrita de projetos de pesquisa. 2022.

14 VOLKWEIS, Felícia Xavier. O papel do revisor é preciso pedir ao óbvio que se justifique. 2020.

15 LEAL, Carla Cristina Rodrigues. Processo de formação de articulistas escritores desafios da escrita no educação superior. 2020. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2020.

16 BRAGA, Maria Valcirene Oliveira. Escrita de monografia a experiência de ensino e pesquisa narrada por futuros professores de Língua Portuguesa. 2023. 114 f Dissertação (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - Campus Bacabal)

17 MORAIS, Francineide ferreira de. Apropriação da escrita acadêmica por professor em formação e implicações na sua prática pedagógica. 145f. 2006. (Dissertação de Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Linguagem e

18 PAGANO, Adriana Silvina et al. A citação como recurso de afiliação acadêmica. 2006.

19 MIRANDA, Maria Aparecida da Silva. Efeitos de sentido das não coincidências do dizer na escrita acadêmica. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Gra

20 Perrotta, Claudia Mazzini. Processos criativos no espaço terapêutico da escrita um diálogo com D.W. Winnicott, Clare Winnicott e Marion Milner. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica

21 BORGES, Cristiane Nunes. LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL AÇÕES DANA ESCRITA ACADÊMICA. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 20

22 SOUSA, Anielle Andrade de et al. O fazer científico em arquiteturaurbanismo e artes uma abordagem disciplinar e textual-discursiva. 2020.

23 SOUZA. Escrita acadêmica insurgente uma análise do gênero carta-artigo. 2021. 194 f. Dissertação( Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias ) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Uniersitária Aná

24 ALVES, Elza Maria Silva de Araújo. Modalização autonímica um estudo de utilização e apropriação do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança na escrita de dissertação de mestrado de 1970 - 2011. 2013. 127 f.

25 Nery, Jaqueline Lima da Silva. A escrita acadêmica nas vivências escolares potencialidades e dificuldade. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Psic

26 BARROS, Webert Cavalcanti et al. A compreensão do letramento científico a partir da análise de TCC do campo jurídico. 2017.

27 SOUZA, Camila Duarte de. Eu não sei escrever academicamente apreciações valorativas de estudantes do Programa de Tutoria da Pedagogia da UFF sobre suas práticas letradas acadêmicas. 2023. 265f. Tese (Doutorado em Educação)

28 OLIVEIRA, Hermano Aroldo Gois et al. Um estudo do gerenciamento da escrita de textos na graduação em Letras por meio da ativação de capacidades e da mobilização de operações de linguagem. 2021.

29 OLIVEIRA, H. A. G. O graduando de letras e a escrita entre representações e vozes como espaço de ação discursiva. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino,

30 MENESES, Roberta Andrade. A escrita acadêmica do pesquisador aprendiz abstracts em eventos científicos. 2015. 174f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino , Centro de Humanidades, Universi

31 GONÇALVES, Kamila. A imagem da escrita acadêmico-universitária em sites de trabalhos prontos e em discursos de graduandos em Letras. 2023.

32 FERREIRA, Elisa Cristina Amorim. Desenvolvimento da escrita na academia investigação longitudinal do percurso de licenciados em Letras. 2014. 198f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino ,

33 MOURA, Lucielma de Oliveira Batista Magalhães de. O trabalho com a produção do artigo científico implicações na construção do letramento acadêmico e da autoria. 2015. 135f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduaçã

3 Google acadêmico

1 DO CARMO, Mariana Coralina. Avaliação de um programa de intervenção na escrita de sínteses para estudantes universitários. 2017.

2 LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação & realidade, v. 28, n. 2, 2003.

3 RIGO, Rosa Maria et al. Escrita acadêmica fragilidades, potencialidades e articulações possíveis. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 23, n. 3, p. 489-499, 2018.

4 BORGES, Cristiane Nunes. Escrita acadêmica um fazer nas práticas linguísticas universitárias. 2019.

5 IWANCZUK, LUCIANE; ZUCCHETTI, Dinora Tereza; VOLTZ, Carlos Eduardo Poerschke. Uma experiência complexa de escrita acadêmica. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica, v. 7, n. 20, p. 162-174, 2022.

6 DE ALMEIDA, Elaine Vieira; DIEB, Messias Holanda; CASTRO, Maria Esteviane Lima. A representação social de professores alfabetizadores de Fortaleza-CE sobre a escrita acadêmica. Revista Práxis Pedagógica, v. 9, p. 284-299,

7 DA SILVEIRA KROEFF, Renata Fischer; PRUDENTE, Jéssica. Alice e os paradoxos da escrita acadêmica. Revista Polis e Psique, v. 9, n. 2, p. 151-170, 2019.

8 DA SILVA, Camila Maria et al. RESISTÊNCIA A ESCRITA ACADÊMICA ALGUMAS REFLEXÕES PARTINDO DE UM ESTUDO DE CASO.2024

9 FERREIRA, Dina Maria Martins. Escrita acadêmica e criticidade. Raído-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, v. 11, n. 27, p. 13-22, 2017.

10 PEIXOTO, Francisca Hênia Cavalcante et al. TCC sem drama o aprendizado da escrita acadêmica em um curso de licenciatura a distância. HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM), v. 37, n. 1, p. 196-211, 2022.

11 SILVA, Itla Clenia Santos; PEREIRA, Silvanis dos Reis Borges. ESCRITA ACADÊMICA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA CAMPUS ARAGUATINS NOS ANOS DE 2021 E 2022. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 47, 2023.

12 CAMPOS, Sulemi Fabiano. Escrita acadêmica um processo de inscrição e implicação do dizer.(2023)

13 DE ALMEIDA REZENDE, Camila Ribeiro. Tensões em perspectivas no processo de escrita acadêmica. Educere et Educare, v. 18, n. 47, p. 259-279.

14 BATISTA, Verônica Pereira; DE LIMA, Gabriela Alves; DE CÁSSIA, Aluyken Teixeira. PERCEPÇÕES DISCENTES SOBRE ESCRITA ACADÊMICA NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO.2023

15 REZENDE, Camila Ribeiro de Almeida; SALLAS, Ana Luisa Fayet. O controle das emoções na escrita acadêmica e seu impacto na relação do indivíduo com o trabalho intelectual. Interseções. Revista de Estudos Interdisciplinares,2019

16 GONÇALVES, Kamila. AS IMAGENS DE ESCRITA ACADÊMICA NA INTERNET E PARA O LETRAMENTO o caso dos sites de trabalhos prontos. Revista Interface Tecnológica, v. 17, n. 2, p. 889-902, 2020.

17 FIAD, Raquel Salek. Pesquisa e ensino de escrita letramento acadêmico e etnografia. Revista do GEL, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017.

18 BENTO, Franciclé Fortaleza. Escrita acadêmica em contexto colaborativo online a prática da resenha em ambiente wiki. 2019.

19 PEREIRA, Bruno Gomes. VOZES SOCIAIS E LETRAMENTO NA ESCRITA ACADÊMICA PERCEPÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS. Ícone Revista de Letras, v. 22, n. 2, 2022.

20 PACHECO, Francineide Francisca. Ensino de escrita acadêmica em um curso de Letras Português do trabalho prescrito ao realizado. 2023.

21 CARMO, Carlos Roberto Souza; CARMO, Renata de Oliveira Souza; DE MELO, Guilherme Diniz. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E OS DESAFIOS NA AVALIAÇÃO DA ESCRITA ACADÊMICA. Cadernos da FUCAMP, v. 21, n. 53, 2022.

22 TAVARES, Paulo Ott. O desenvolvimento pragmático de aprendizes de português como língua adicional as marcas de interação na escrita acadêmica. 2020.

23 FONTENELLE, Mary Jani dos Santos. O lugar da autoria no entremeio do discurso científico e do discurso pedagógico uma análise discursiva da escrita acadêmica em um TCC. 2021.

24 DE OLIVEIRA REGO, Elton. A paráfrase como estratégia linguístico-discursiva na escrita acadêmica

25 MELO, Geisiane Nunes de. Escrita acadêmica nas áreas da linguística e enfermagem um estudo dos relatórios finais de iniciação científica. 2020.

26 MARTINS, Adriana Regina Dantas; Os desafios no letramento acadêmico de alunos de Letras, 2023

27 DE ALMEIDA REZENDE, Camila Ribeiro. O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão da escrita no campo acadêmico. CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, n. 32, p. 25-44, 2020.

28 DA SILVA MIRANDA, Maria Aparecida; CAMPOS, Sulemi Fabiano. Aspectos da escrita como ato de criação análise de dissertação de mestrado Aspects of writing as an act of creation dissertation analysis. Guavira Letras, v. 14, n.

29 PEREIRA, Fabiane Aparecida; BRAGA, Sandro. A escrita na formação de professores de língua portuguesa. Scripta, v. 23, n. 48, p. 27-40, 2019.

30 DE SOUSA, José Hipólito Ximenes. Percursos de letramentos nos eventos e nas práticas de letramento acadêmico de estudantes escritores inexperientes no curso de Letras Português. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 5

31 DE SOUZA, Thais Torres. Ensino de Português instrumental em universidade do interior de São Paulo. 2003.

32 DE OLIVEIRA FARIAS, Carmen Roselaine; MOHR, Adriana. Sobre a escrita na área da educação em ciências um diálogo com pós-graduandos.2023

33 PACHECO, JORGE TÉRCIO SOARES. DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA. 2020

34 DE BRITO NEVES, Cynthia Agra; GALLI, Fernanda Correa Silveira; NASSAU, Guillaume. Letramentos acadêmicos epistemologias, práticas de escrita e experiências pedagógicas em interface no ensino superior. Revista Linguagem & E

35 OLIVEIRA, Hermano Aroldo Gois. O graduando de letras e a escrita entre representações e vozes como espaço de ação discursiva. 2016.

36 BRAGA, Sandro; SENEM, Janaína. O aluno na posição de autor uma experiência com a resenha na universidade. Fórum Linguístico, v. 14, n. 4, p. 2685-2702, 2017.

37 PEREIRA, FABIANE APARECIDA; PEREIRA, CILENE MARGARETE. A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA NO CURSO DE LETRAS UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DO DOCENTE. Macabéa–Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9, n. 1, p. 209-227, 2020.

38 PEREIRA, Carlos Gustavo Camillo; DE ANDRADE CONSTANCIO, Felipe. Revisão do texto acadêmico impasses e redirecionamentos. Revista Diálogos, v. 1, n. 10, p. 26-41, 2022.

39 DIAS, Fernanda Goulart Ritti; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Modalizadores epistêmicos em artigos científicos. Signum Estudos da Linguagem, v. 14, n. 2, p. 441-455, 2011.

40 FONSECA, Danielly Thaynara. LETRAMENTOS ACADÊMICOS PRÁTICAS DE ENSINO DA ESCRITA. Trem de Letras, v. 5, n. 1, p. e018004-e018004, 2018.

41 RODRIGUES, Jéssica Alves. “Clareza, brevidade e objetividade” ideologias linguísticas e regimes metadiscursivos em manuais de trabalho acadêmico. 2021.

42 OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto; CUNHA, Gustavo Ximenes; MIRANDA, Monique Vieira. SCOLLON, R.; SCOLLON, SW Intercultural communication A discourse approach. Oxford Blackwell, 1995. (A nominalização deverbal como estratégia complexa de polidez em artigos científicos brasileiros. December 2018 In book: Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem. (pp.261-282)Publisher: Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG)

43 ALMEIDA, Livia Dayane Romão de. O ethos dos alunos do curso de LetrasUfal nas práticas de letramento acadêmico. 2017.

44 Ambrósio, Fabiane Aparecida Pereira. A constituição da autoria no percurso formativo do curso de Letras-Português. 2021.

45 DA FONSECA SILVA, Danielly Thaynara. O USO DE CITAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO SER PESQUISADOR DA ÁREA DE LETRAS. Revista 15 de outubro, v. 2, n. 2, p. 24-37, 2023.

46 DA SILVA MARTINS, Cínthya; ARAÚJO, Nukácia M. Silva. 13) Movimentos de revisão do leitor no processo de escritura acadêmica. Veredas-Revista de Estudos Linguísticos, v. 16, n. 2, 2012.

47 TOMASELLI, Claudia Kuns. A escrita do relatório de projeto integrador na educação técnica de nível médio do IFSC um estudo etnográfico sobre letramento na educação profissional. 2020.

48 SILVA, Danielly Thaynara da Fonseca. A citação como prática de escrita em letramentos acadêmicos. 2018.

49 BARRETO, Alana Maria Passos; DE ÁVILA, Flávia. A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DIANTE DA INTEGRIDADE CIENTÍFICA UM ESTUDO SOBRE O USO INDEVIDO DO CHATGPT. Revista Direitos Culturais, v. 18, n. 45, p. 91-106, 2023.

50 SANTOS, Rennê Flávio Lopes. Letramento acadêmico estudo exploratório do letramento dos alunos do curso de exatas de uma instituição de educação superior em Montes Claros. 2021.

51 DE OLIVEIRA PAIVA, Francisco Jeimes. Configuração das unidades sociorretóricas em considerações finais de dissertações no curso de mestrado em letras. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 36, p. 278-300, 2021.

52 SOARES, Sara Feitosa. Letramentos acadêmicos e digitais na formação de professores. 2019.

53 CAMPOS, Sulemi Fabiano; SANTOS, Valnecy Oliveira Corrêa. Atitudes de leitura e efeitos de sentidos na escrita de dissertações do ProfLetras. Revista Investigações, Recife, v. 32, n. 2, p. 522-547, 2019.

54 DE SOUSA, JOSÉ HIPÓLITO XIMENES; DA ESCRITA, ESTUDO EXPLORATÓRIO; DE LETRAS, D. A. DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA.2018

55 FREITAS, Tatiane Lima de; BERNARDINO, Cibele Gadelha; PACHECO, Jorge Tércio Soares. A construção sociorretórica da seção de introdução em artigos acadêmicos da cultura disciplinar da área de história. Alfa Revista de Linguística 2021

56 GIESTA, Leticia Caporlúngua. Tradução pedagógica e letramento acadêmico com o uso de corpus paralelo reflexão linguística a partir da tradução de padrões colocacionais frequentes na linguagem acadêmica disciplinar. 2014.

57 SILVA, Iraci Nobre da. Análise sociorretórica de introduções de artigos científicos no quadro dos letramentos acadêmicos de graduandos pibidianos em três áreas disciplinares. 2020.

58 SILVA, Juliana Marcelino. Previsão e demanda de gêneros acadêmicos em um curso de licenciatura em matemática. 2022.

59 ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim; DE CASTRO MODL, Fernanda. Posições de professores em formação e professores formadores (entre) vistas em atividades didáticas provocações sobre autoria e letramento acadêmico. fólio-Revista 2017

60 VESCOVI, Jessica Paula. Influência dos comentários do professor no processo de produção de relatórios de estágio. 2019.

61 PINHEIRO, MARIA VANESSA BATISTA LIMA. MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA. 2016

62 SANTOS, Fernando César dos. A concepção de trabalho acadêmico de alunas de um curso de pedagogia a distância um estudo de caso. 2015.

63 BESSA, José Cezinaldo Rocha. Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores. 2016.

64 FONTINELE, Simone Rego. Estratégias retóricas uma análise da seção introdução do gênero dissertação de mestrado nas áreas de letras e matemática. 2022.

65 SOUZA, Camila Duarte de. Eu não sei escrever academicamente apreciações valorativas de estudantes do Programa de Tutoria da Pedagogia da UFF sobre suas práticas letradas acadêmicas. 2023.

66 GENOVEZE, Eliana Cassia. Letramento acadêmico na pós-graduação oficinas de práticas acadêmicas. 2022.

67 CARVALHO, Guido de Oliveira. Interlocução entre letramento acadêmico e letramento digital os efeitos das novas tecnologias nos hábitos de leitura e escrita. 2019.

68 CASTRO, Bruno Diego de Resende. Relação entre organização retórica e cultura acadêmica em pré-projetos de pesquisa em linguística e literatura. 2018.

69 LEMOS, Claudênia de Paula. Práticas e eventos de letramento acadêmico na iniciação à pesquisa no ensino médio em estudo etnográfico-discursivo. 2022.

70 CORREA, Maria Dorothea Chagas. A linguagem do texto científico uma proposta de legibilidade. 2021.

71 ARAÚJO, Roberto Carlos Ribeiro. Análise de atenuadores na seção introdução de artigos de pesquisa da área da administração pública das décadas de 1960 e 2010. 2020.

72 DE OLIVEIRA, Elizabeth Antonia. Academia A indústria do texto controle de qualidade da manufatura e choques ideológicos. 2016.

73 DE FREITAS, TATIANE LIMA; SOCIORRETÓRICA, UMA INVESTIGAÇÃO. MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA. 2018

74 SILVA, Cintia Paula Santos da. A Produção do gênero acadêmico abstract da estratégia de correção à reescrita. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal d 2016

75 LIMA, Antonio Carlos Santos de. Da necessidade de uma intermediação sensível reflexões sobre letramento acadêmico em um contexto de Educação a Distancia do IFAL. 2019. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – F 2019

76 CAMARGO JUNIOR, Arnaldo Rebello. A autorreflexividade na escrita de redações de vestibular. 2018.

77 SANTOS, Jaqueline Feitoza. O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO EM TCCS UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL CIENTÍFICA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO. Repositório Digital de Teses e Dissertações do PPGLin-UESB 2019

78 PEREIRA, Sílvia Letícia Matievicz. Usos da escrita na formação docente universitária e o letramento profissional do professor. 2017. Tese de Doutorado. [sn].

79 BARROS, Marcilene Gaspar. A refutação em introduções de teses de doutorado da área de linguística. 2018.

80 PINHEIRO, Rebecca Cruz. Análise discursiva de tomadas de posição em textos de graduandos da UFRN. 2021.

81 BESSA, Clécida Maria Bezerra. Que autoridades sustentam a autoridade a argumentatividade no gênero artigo científico através do arazoado por autoridade e da modalização discursiva. 2015. 456 f. Tese (Mestrado em Linguística) 2015